



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

FRANCISCA ELIANA SANTOS DA SILVA

**A “PEDAGOGIA” DA FEIRA LIVRE DE SÃO BENTO: NARRATIVAS, SABERES E
PRÁTICAS EDUCATIVAS NA CIDADE DE CASCAVEL-CE**

FORTALEZA

2014

FRANCISCA ELIANA SANTOS DA SILVA

**A “PEDAGOGIA” DA FEIRA LIVRE DE SÃO BENTO: NARRATIVAS, SABERES E
PRÁTICAS EDUCATIVAS NA CIDADE DE CASCAVEL-CE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de concentração: História da educação Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade

FORTALEZA

2014

Página reservada para ficha catalográfica que deve ser confeccionada após apresentação e alterações sugeridas pela banca examinadora.

Para solicitar a ficha catalográfica de seu trabalho, acesse o site: www.biblioteca.ufc.br, clique no banner Catalogação na Publicação (Solicitação de ficha catalográfica)

FRANCISCA ELIANA SANTOS DA SILVA

**A “PEDAGOGIA” DA FEIRA LIVRE DE SÃO BENTO: NARRATIVAS, SABERES E
PRÁTICAS EDUCATIVAS NA CIDADE DE CASCAVEL-CE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de concentração: História da Educação Brasileira.

Aprovado em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Kelma Socorro Lopes de Matos (Examinadora Interna)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Oliveira Aguiar (Examinadora Externa)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

A Deus.

Aos meus pais, Francisca Alves Santos da Silva e Elias Machado da Silva. E todos os protagonistas da minha pesquisa que contribuíram e compartilharam seus saberes.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom maravilhoso da vida e por sempre iluminar meus passos, me acompanhar em todos os momentos da minha vida e por me conceder coragem, sabedoria e paciência na conquista de mais um sonho.

À minha querida mãe Francisca, pela força, oração, amizade e palavras de incentivo.

Aos meus irmãos Eliano e Daiana, pelo carinho e respeito.

À minha amada avó que sempre me incentivou a lutar pelos meus sonhos e nunca perder a esperança naquilo que eu acredito de coração.

Ao meu primo Aldemir que me acolheu em sua casa quando mais precisei me apoiando em todos os momentos complicados dessa caminhada.

Aos meus sogros Vicente e Zélia que me confortaram com suas palavras de aconchego e sabedoria.

Ao meu amado companheiro Helder, pelo amor, compreensão, cumplicidade, paciência e admiração.

Meu muito obrigada, também, às minhas amigas Marília, Eveline, Thatyanne, Leiliane, Raquel e Francisca, que mesmo estando distantes sempre as levarei em meu coração.

A todos os colegas da escola Júlia de Melo que ficaram torcendo pela conclusão deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade, pela orientação, apoio e parceria nos momentos de dúvidas.

A Prof^ª Dr^ª Kelma Socorro Lopes de Matos pelo olhar atento e pelas dicas significativas durante o Exame de qualificação.

A Prof^ª Dr^ª Ana Lúcia Oliveira Aguiar que trouxe contribuições relevantes nessa pesquisa, além de demonstrar seu olhar e suas primorosas intervenções, durante o Exame de qualificação.

Aos amigos do Núcleo de História e Memória- NHIME pelos momentos de troca de saberes.

Aos colegas de Mestrado Flávio, Kátia e Roberta pela ajuda e atenção.

A Elizangela e Lívia, com quem pude reencontrar e tive o prazer de trocar experiências profissionais e acadêmicas.

A coordenação e aos funcionários da Pós-graduação que me atenderam, cordial e prontamente.

Aos professores da Pós-Graduação pelas valiosas interlocuções e por mostrarem o lado belo da academia e reforçarem a importância da pesquisa científica para a sociedade.

Aos professores participantes da Banca Examinadora: pelo tempo e colaborações.

Aos feirantes entrevistados que, com muita boa vontade e gentileza, se dispuseram a falar das suas experiências e vivências, contribuindo, significativamente para a concretude deste trabalho.

A minha querida amiga Angelina, pelo incentivo, carinho e reflexões compartilhadas.

Ao meu eterno professor Marconi Reis (*in memoriam*) que foi um exemplo de revolucionário e dedicação às questões educacionais.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico- CNPq pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

RESUMO

Neste estudo, buscamos compreender as práticas educativas e os saberes presentes na feira livre de São Bento, localizada na cidade de Cascavel-CE a qual dista de Fortaleza 64 km. Para a realização dessa pesquisa, escolhemos como suporte teórico Brandão (2005); Durkheim (2007); Burke (2003); Huberman (1976) e Certeau (1998). Optamos pelo enfoque qualitativo e utilizamos a pesquisa bibliográfica como suporte no esclarecimento do tema investigado. Usamos também o estudo de caso que proporcionou recolher o máximo de informações e aprofundamento sobre as práticas educativas dos feirantes. Na coleta de dados o enfoque metodológico escolhido foi a observação participante, com o apoio do diário de campo, além de entrevistas semiestruturadas com os protagonistas da pesquisa. Procuramos buscar na história oral um caminho para entender a relação dos feirantes com a feira, e percebemos que o trabalho na feira possui características afetivas que fortalecem os laços entre feirantes. Vimos que a feira é muito mais que um ambiente de compra e venda de produtos, observamos que nesse espaço nascem histórias de vidas, saberes que crescem a partir de experiências vividas nas práticas cotidianas. Destacamos ainda que os ambientes informais também manifestam práticas educativas e isso mostra que a educação é um fenômeno livre. Portanto, a feira livre de São Bento é um evento social, cultural e educativo que contribui na sobrevivência de muitas famílias.

Palavras- chave: Práticas educativas. Saberes. Feira.

ABSTRACT

In this study , we sought to understand the educational practices and knowledge present in the fair of St. Benedict , in the city of Cascavel - EC which is distant 64 km from Fortaleza . For this survey , we chose as Brandão (2005) theoretical support ; Durkheim (2007) ; Burke (2003); Huberman (1976) and Certeau (1998). We chose the qualitative approach and used the literature to support the clarification of the subject investigated . We also use the case study that provided the most information gathering and deepening of the educational practices of the merchants . During data collection, the methodological approach chosen was participant observation with the support of a field journal, and semistructured interviews with the protagonists of the research. We seek to pursue a path in oral history to understand the relationship of stallholders with the fair, and we realize that the work at the fair receives affective characteristics that strengthens ties between marketer and fair. We saw that the show is more of an environment for buying and selling products , we observe that this space born life histories , knowledge that grow from experiences in everyday practices . We also point out that informal environments also manifest educational practices and this shows that education is a free phenomenon. Therefore, the street fair of St. Benedict is a social, cultural and educational event that contributes to the survival of many families.

Key word: educational practices. Knowledge. Fair.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA – 01 Antiga praça do mercado de Cascavel- Ceará	29
FIGURA – 02 Antigos barracões de rapaduras e frutas	29
FIGURA – 03 Foto da fachada reformada da ala de entrada para os boxes de barbearia da feira	30
FIGURA – 04 Entrada principal da cidade.....	31
FIGURA – 05 Movimentação da feira aos sábados	33
FIGURA – 06 Movimentação das barracas de frutas e verduras	34
FIGURA – 07 Vendas de panelas de barro	37
FIGURA – 08 Barracas de artesanatos	37
FIGURA – 09 Artesanato de cipó	38
FIGURA – 10 Feirante de rapaduras, feijão e farinha.....	42
FIGURA – 11 Banca de rapaduras localizada no barracão	44
FIGURA – 12 Feirante de rapaduras no barracão	49
FIGURA – 13 Barracas de verduras	55
FIGURA – 14 Feirante de farinha e goma.....	56
FIGURA – 15 Feirante de farinha e feijão	66
FIGURA – 16 Feirante atendendo fregueses no mercado	67
FIGURA – 17 Início da feira livre.....	69
FIGURA – 18 Bancas de frutas	75
FIGURA – 19 Barracas de frutas e verduras	76
FIGURA – 20 Barracas de frutas e verduras no mercado público	77

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 TRILHANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA: ENTRE CORES, CHEIROS E VOZES	15
2.1 A escolha: por que a feira livre de São Bento?	15
2.2 O percurso metodológico: a trilha investigativa	16
2.3 Sujeitos da pesquisa: aproximação	20
2.4 O papel da feira livre na vida dos construtores de saberes: feirantes	22
2.5 Feira livre e cidade.....	23
2.6 Aspectos históricos da feira livre	24
2.7 O contexto investigativo: a feira livre de São Bento	30
2.8 Artesanato e feira livre.....	35
3 CONSTRUINDO CONHECIMENTO: A VOZ DOS FEIRANTES	39
3.1 Comprar e vender uma prática cotidiana na feira livre de São Bento: Saberes vividos e experimentados	39
3.2 Reconhecendo as práticas educativas entre feirantes	46
3.3 Sempre temos algo a aprender: construindo saberes na feira livre.....	51
3.4 Narrativas: valorizando as falas dos feirantes	56
3.5 Olhares sobre a feira livre de São Bento: sujeitos e história oral	59
3.6 O papel afetivo da feira livre	62
4 A FEIRA LIVRE DE SÃO BENTO: APRENDER VIVIDO COTIDIANAMENTE NA “PEDAGOGIA” DO FEIRANTE	64
4.1 O aprender na feira livre de São Bento: é possível.....	64
4.1.1 O que aprender na feira livre?	67
4.2 Observações e registros: interpretações e reinterpretações da feira livre	69
4.3 Sujeitos construtores de conhecimentos	71
4.4 A “pedagogia” da feira livre: circuito de práticas educativas em espaços não formais ...	72

4.4.1 Educação informal e feira livre: possibilidades	73
4.5 Entre bancas, pessoas e produtos: emergem práticas e saberes.....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	81
APÊNDICE	85
ANEXOS	87

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo discute como as práticas cotidianas manifestadas em uma feira livre podem se relacionar com a construção de práticas educativas e a produção de saberes. Escolhemos como foco investigativo um cenário construído por pessoas que sonham, têm objetivos e compartilham saberes e conhecimentos diariamente em bancas, barracões, mercados, ruas, calçadas ou embaixo de árvores. Sujeitos ativos que pensam e discutem sobre temas importantes da sociedade entre o processo de compra e venda de produtos. Estamos falando da feira livre de Cascavel, denominada feira livre de São Bento, localizada a 64 km de Fortaleza- Ceará.

A feira livre de São Bento, no município de Cascavel, desempenha um papel econômico no desenvolvimento da geração de renda e emprego para muitas famílias sertanejas, de uma faixa leste do interior cearense, ao trazer à coletividade, semanalmente, uma variedade de produtos e vendidos por sujeitos, empreendedores sociais, com diferentes experiências de mercado, construídas no dia a dia, além de vivências socioambientais que enriquecem a recepção dos fregueses com seus sorrisos diante de uma boa oferta nos preços.

Eis um evento de caráter social que atrai pessoas de todos os grupos sociais, tanto da zona rural, quanto da zona urbana do município e das cidades vizinhas. Além de ser um ambiente de compra e venda de mercadorias, a maioria dos frequentares aproveita a ocasião para comercializar, se divertir, comer, comprar e encontrar amigos para “conversas fiadas”. Por tudo isso, a feira livre de São Bento não foge à tradição das demais das cidades nordestinas ao concentrar um caráter social, afetivo e cultural para seus frequentadores.

Um das características que podemos citar sobre a feira é a facilidade de integração que ela estabelece entre o rural e a cidade, proporcionado assim, o fortalecimento da heterogeneidade deste evento e o desenvolvimento urbano. Corroboramos com Trevisan (2008) apud Andrade (1988) que:

[...] Funcionando como dia e local de convergência das pessoas e produtos, faz com que este acontecimento expresse o grau de relações entre campo – cidade, pois é nesse dia geralmente, que o habitante rural dirige à cidade em busca dos serviços que lhe são oferecidos e, em troca transfere para a economia urbana a renda gerada no campo (TREVISAN, 2008, p.23 *apud* ANDRADE, 1988, p. 555).

Nosso objetivo neste trabalho configura-se em compreender como os saberes oriundos das práticas cotidianas dos feirantes da feira de São Bento se constroem em suas interações sociais.

Ratificamos, também, que a relevância de refletir sobre as práticas cotidianas dos feirantes é valorizar o ambiente socioambiental da feira livre de São Bento, como um local vivo de onde brotam habilidades alicerçadas em conhecimentos vividos. Partindo dessas reflexões, foi que apontamos os seguintes questionamentos que norteiam nossa pesquisa: *como se desenvolvem as práticas educativas na feira livre de São Bento? De que forma os feirantes podem construir saberes em suas práticas cotidianas? Qual o significado da feira livre na vida dos feirantes de São Bento?*

Entendemos ser de fundamental importância o envolvimento do pesquisador com seu objeto de estudo. Desse modo, enfatizamos que nessa pesquisa há uma relação estreita entre pesquisador e campo investigativo, uma vez que, somos frequentadores assíduos da feira e, por esse cenário, fazemos parte, também, da história e da memória de tal espaço social, juntamente com nossos familiares.

O município de Cascavel-Ceará contempla todas as manhãs a presença da feira de São Bento em seu território. No entanto, tradicionalmente a feira acontece nas manhãs de sábado, pois é o dia escolhido pelas pessoas para fazerem suas atividades típicas desse tipo evento. No interior da feira, podemos destacar a diversidade de produtos oferecidos, a peculiaridade do artesanato e a simpatia nos desenhos estampados nos labirintos das rendas de bilros.

Consideramos que andar pela feira, proporciona conhecermos a cultura, os costumes, os hábitos e os saberes narrados pelos principais protagonistas dessa grande celebração comercial e cultural, os feirantes. Ao penetrarmos no universo dos feirantes visualizamos um núcleo de sujeitos, homens, mulheres e jovens que se vinculam rapidamente com um contexto fascinante, que desperta a curiosidade e ao mesmo tempo inquietações sobre a estrutura e a organização daquele mercado tão antigo, porém com segmentos modernos de economia, tais como o uso de cartão de crédito e de cheques.

Nossa primeira visita à feira livre de São Bento como pesquisadora foi planejada em dias alternados. Logo percebemos que o movimento maior de pessoas e de negócios se concentrava aos sábados. Observamos que alguns feirantes, que trabalham durante a semana, nem sempre são os mesmos que estão aos sábados, pois há um deslocamento de feirantes para outros pontos de vendas do Ceará.

Na tarde de sexta-feira a “corrida” de barracas e de carrinhos se concentra no centro da cidade. Crianças, jovens e idosos passam a todo instante com pedaços de madeiras, caixas de madeira e matérias plásticas para armar as barracas. Os vendedores de frutas iniciam as vendas dos produtos logo no final da tarde de sexta feira.

O interesse pelo tema surgiu em virtude de pertencermos ao meio rural e termos uma afinidade muito próxima com o ambiente investigado. Outra questão que também despertou a escolha deste objeto de estudo foi a escassez de registros sobre a feira e a cidade de Cascavel-CE. Objetivamos contribuir para a valorização da feira de São Bento como um acontecimento social, cultural e de práticas educativas, proporcionando desta forma, incentivos a pesquisadores que possam elaborar novos estudos.

Ressaltamos ainda, que essa pesquisa tem como pilar compreender as práticas educativas presentes na feira livre de São Bento, partindo das narrativas dos feirantes, tendo, também, como item investigativo os saberes e o significado da mesma na vida dos sujeitos envolvidos.

Para o desenvolvimento de nossos estudos utilizamos o método estudo de caso que de acordo com Gil (1999, p.74) é “caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado”. Desta forma, visualizamos esse método bastante apropriado para nosso ambiente de investigação, porque proporciona selecionarmos apenas um objeto de estudo e recolher o número necessário de informações. Vale destacar, também, que fizemos uso da pesquisa qualitativa, pois essa concepção de pesquisa procura trabalhar com a realidade que não pode ser quantificada.

Essa investigação materializou-se por meio de observação participante para conhecer melhor a realidade em estudo, além da pesquisa bibliográfica que nos proporcionou conhecimentos teóricos referentes ao tema em destaque. Tal revisão permitiu uma reflexão sobre a literatura existente quanto à feira livre e melhor aprofundamento e compreensão dos dados coletados. Realizamos também entrevistas semiestruturadas com quatro feirantes escolhidos aleatoriamente para análise.

Para compreender algumas questões levantadas pela pesquisa, tivemos como principais referenciais teóricos Minayo (1994); Brandão (2005); Durkheim (2007); Burke (2003); Azevedo (1963); Sodré (1976); Huberman (1976); Matos e Vieira (2001); Certeau (1998); Yin (2010); Wenger (2001) e Minayo (1994) entre outros.

Ao procurarmos conhecer o que foi produzido sobre o tema, fizemos um levantamento, o que causou certa preocupação, pois ainda há poucos estudos que tratam sobre a feira livre. Porém, diante de algumas publicações encontramos destacamos os estudos de Almeida (2009); Silva (2008) e Miranda (2009). Esses autores retratam o ambiente da feira livre além do processo de compra e venda, e trazem uma visão também cultural, histórica e social.

Organizamos nosso estudo em três capítulos. No primeiro abordamos o caminho metodológico, os procedimentos de investigação, o *locus* da pesquisa, as características dos sujeitos entrevistados e frisamos a origem da feira livre.

No segundo capítulo nos dedicamos à parte teórica, no qual apresentamos e discutimos as práticas educativas e os saberes apresentados na feira livre de São Bento. Por fim, no terceiro capítulo buscamos refletir a percepção dos feirantes sobre a feira e apresentamos suas narrativas. É importante dizer também que no último capítulo fazemos referência aos dados obtidos através das observações no campo investigado, dos depoimentos coletados aos sábados e as entrevistas com os feirantes.

Compreendemos a importância desse estudo, uma vez que entendemos que o mesmo possibilitará repensar as práticas educativas em espaços informais e ampliarmos nossa visão sobre as relações sociais, como forma de construções de saberes.

2 TRILHANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA: ENTRE CORES, CHEIROS E VOZES

A pesquisa é atividade principal da ciência que nos permite a aproximação e o entendimento da realidade que investigamos, e, além disso, nos fornece elemento para possibilitar nossa intervenção no real. Assim, pesquisar não representa apenas refletir e entender os fenômenos, liga-se diretamente a uma possível ação que poderá ou não ser realizada (MATOS; VIEIRA, 2001,p.21-22).

Neste primeiro capítulo dissertamos sobre o *lócus* da pesquisa e os protagonistas da investigação. Apresentamos o caminho metodológico percorrido para a concretização de nossos estudos e uma breve apreciação sobre a origem da feira livre, no plano da cultura humana. Traçamos, também, algumas reflexões sobre a decisão e os motivos que nos levaram a escolher essa temática.

2.1 A escolha: por que a feira livre de São Bento?

Diante de uma sociedade diversificada, refletimos que as práticas educativas são múltiplas e transcendem as instituições formais. Assim, pensamos em investigar a educação nas práticas cotidianas dos feirantes, destacando seus saberes e aprendizagens construídos nas relações do espaço social na feira livre, proporcionando outro olhar para a educação. Para Brandão (2005, p.10) “a educação é como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de cultura, em sua sociedade”. Diante deste pensamento, visualizamos o ambiente social dos feirantes como sendo um espaço que possibilita a invenção e reprodução de conhecimentos tácitos.

A aproximação com esse tema surgiu quando estávamos realizando um trabalho de conclusão de curso, na Universidade Federal do Ceará, no qual nossa pesquisa retratava sobre as professoras primárias na cidade de Cascavel-Ceará. Percebemos em nossas averiguações poucos registros sobre a história da educação cascavelense e, principalmente, sobre sua a feira. A partir daí pensamos em planejar um estudo que contemplasse a feira livre de São Bento e seus principais atores, os feirantes. Contudo, realizamos uma discussão sobre a feira com uma ótica voltada para os saberes e práticas educativas semeadas pelos feirantes em suas ações cotidianas.

O assunto em questão é algo que nos chamou atenção, pois quando falamos em feira livre a maioria das pessoas ressaltam apenas o processo de compra e venda de mercadorias. No entanto, esquecemos que em tal espaço ocorrem trocas de saberes mediadas por sujeitos detentores de conhecimentos alicerçados em suas experiências e vivências cotidianas em tal

espaço. Portanto, buscamos valorizar esses saberes e as experiências dos feirantes que fazem da feira livre sua segunda casa, enquanto estabelecem relações sociais regidas por aprendizagens que ultrapassam a escola.

Nossa afinidade com a temática decorreu do fato de sermos moradores da zona rural da referida cidade, e pertencemos a uma família de agricultores que produziam produtos agrícolas comercializados na feira durante os sábados.

O interesse em investigar este *lócus* surgiu fortemente por entendemos que o ambiente dos feirantes impulsiona relações sociais, e que as práticas educativas ocorrem em todos os espaços, portanto a feira também é um contexto construtor de novos conhecimentos. Novamente ressaltamos que optamos por essa feira exatamente pela sua localização, e por termos uma relação pessoal com ela.

A seguir mostraremos nossa trilha metodológica investigativa que percorremos para a construção dessa pesquisa.

2.2 O percurso metodológico: a trilha investigativa

[...] objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para, problemas mediante o emprego de procedimentos científicos. A partir dessa conceituação, pode-se, portanto, definir pesquisa social como o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social (GIL, 1999, p. 42).

Por meio de pesquisas as pessoas têm respondido suas inquietações e questionamentos sobre o mundo. Nesse sentido, o ato de investigar exige método para obtenção de respostas que vão gerar novos conhecimentos científicos ou tecnológicos em prol da sociedade. Gil (1999, p. 19) nos coloca que “o ser humano usando suas capacidades, procura conhecer o mundo que o rodeia. E no decorrer dos séculos, vem elaborando sistemas que lhe permitem conhecer a natureza das coisas e o comportamento das pessoas”.

Iniciamos nossa investigação com a pesquisa bibliográfica, para termos um contato com o “estado da arte” que trata sobre o tema, o que nos possibilitou uma maior compreensão, principalmente referente ao *lócus* da pesquisa.

No decorrer da apropriação do referencial teórico fomos encontrando trabalhos acadêmicos, por destacar as seguintes pesquisas e seus correspondentes autores como Almeida (2009) que em seu trabalho dissertativo apresenta a feira livre do bairro Major Prates em Montes Claros- Minas Gerais como fonte de saberes e fazeres matemáticos construídos cotidianamente pelos feirantes e fregueses; Silva (2008) que em seu trabalho titulado feira de

São Bento em Cascavel-CE (festa á céu aberto) investigou as dinâmicas da feira como manifestação cultural e parte da memória coletiva; Miranda (2009) realizou uma averiguação nas feiras de Caruaru e de Campina Grande, ele trouxe como discussão os limites e potencialidades desses espaços e Dantas (2008) o qual faz um debate sobre os elementos preponderantes para a origem e evolução das feiras livres na região Nordeste do Brasil.

Falando ainda sobre pesquisas bibliográficas, Minayo (2010) ressalta que esse tipo de pesquisa é capaz de projetar uma luz que permite o investigador ordenar e compreender a realidade investigada. Conforme Matos e Vieira (2001):

A pesquisa bibliográfica é realizada a partir de um levantamento de material com dados já analisados, e publicados por meio escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas da Web sites, sobre o tema que desejamos conhecer. [...] Ter conhecimento do material já produzido sobre a temática investigada evita as repetições desnecessárias e a recorrência de erros (MATOS; VIEIRA, 2001, p.40).

Corroborando com estas autoras, dizemos que este tipo de pesquisa possibilita uma aproximação dos assuntos já pesquisados com os que estão sendo investigado. E assim, facilitando o esclarecimento do tema averiguado.

Em seguida, foi necessário fazermos um pequeno estudo exploratório, para que assim, pudéssemos nos aproximar da feira livre de São Bento e conhecermos a rotina e as relações sociais praticadas pelos feirantes e, conseqüentemente, permitiu-nos enriquecer nossas experiências em torno do objeto investigado.

Para Gil (1999, p.43) o estudo exploratório tem por finalidade proporcionar uma visão geral sobre determinado fato, além de buscar esclarecer, desenvolver e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a elaboração de problemas ou hipóteses pesquisáveis para finalidade de investigações futuras. Já para Triviños (1987) esse tipo de estudo permite ao pesquisador aumentar suas experiências em torno de um determinado problema.

Nosso estudo exploratório iniciou-se no mês de setembro de 2013 e culminou com a pesquisa de campo nos meses de outubro, novembro, dezembro de 2013, e janeiro, fevereiro de 2014.

A perspectiva metodológica adotada para o desenvolvimento aqui proposto tem um enfoque qualitativo. Segundo Bogdan e Biklen (1994) esta abordagem investigativa possibilita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo, além de enfatizar mais a compreensão do processo do que dados quantitativos. Percebemos ainda que por meio da pesquisa qualitativa estabelecemos um contato dialogal favorável com nossos sujeitos, contribuindo para o entendimento e interpretação do tema explorado. Com essa visão

investigativa pudemos usar também a história oral como recurso na recolha de informações, além de valorizar as narrativas dos sujeitos entrevistados no decorrer da pesquisa.

Segundo Thompson (1992) a história oral proporciona as pessoas comuns acreditar em suas próprias falas e revelar novos campos de investigação. Matos e Vieira (2001) elucidam que a história oral busca compreender a sociedade através da visão dos sujeitos que nela vivem, causando um processo de valorização das narrativas.

Os traços que percorrem esta pesquisa é o estudo de caso, que se volta para o procedimento seletivo de apenas um objeto de pesquisa, obtendo assim grande quantidade de informações sobre o caso escolhido e em seguida aprofundando seus aspectos mais relevantes (MATOS; VIEIRA; 2001). O estudo de caso também consiste em uma análise qualitativa da recolha de informação e, neste sentido, podemos utilizar a observação, interagir com os participantes e ter maior aprofundamento dos aspectos em estudo. Para Minayo (2010) esse tipo de pesquisa visa mapear, descrever e analisar o contexto, as relações e tudo que estar envolvido com o fenômeno em questão. Esse estudo nos possibilitará aprofundarmos nossos conhecimentos sobre práticas educativas em espaços não escolares e valorizar os saberes dos protagonistas desta pesquisa.

Segundo Gil (1999, p. 74) “o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado”. Ou seja, é um estudo minucioso que busca extrair o máximo possível de dados do objeto investigado.

Conforme Triviños (1987, p.11) um dos aspectos valiosos da utilização do estudo de caso no campo investigativo é sua condição de facilitar o fornecimento de “conhecimentos aprofundados de uma realidade delimitada e que os resultados atingidos podem permitir a formulação de hipóteses para o encaminhamento de novas pesquisas”.

Dando continuidade ao nosso estudo foi necessário realizarmos observações semanais alternadas na feira livre de São Bento, pois precisávamos conhecer de perto as práticas cotidianas dos feirantes e principalmente entender a relação dos sujeitos com a feira. Por isso nos apropriamos desta forma tão particular de investigação que é o ato de observar. Para Gil (1999, p. 11) por meio da observação constituímos sem dúvida, importantes fontes de conhecimentos.

Escolhemos como instrumento e técnica de coleta de dados, suportes que proporcionassem apanhar o máximo de informações possíveis sobre a feira livre de São Bento, e assim esses dados subsidiassem nossas reflexões referentes ao contexto investigativo. Portanto, optamos pela observação participante, pois pudemos construir uma

relação de interação mais íntima com os feirantes. De acordo com Minayo (2010) a observação participante torna-se parte fundamental no trabalho de campo na pesquisa qualitativa, uma vez que, ela facilita a compreensão da realidade do objeto de estudo. Segundo Matos e Vieira (2001, p.58) a observação “é uma técnica muito utilizada, principalmente porque pode ser associada a outros procedimentos, por exemplo, na entrevista”.

Para Gil (1999) o observador participante pode participar de alguma forma na atividade do observado. O autor ainda caracteriza esse tipo de observação como natural ou artificial. A partir das observações elaboramos um diário de campo, no qual registramos nossas impressões e reflexões sobre a pesquisa.

Usamos a entrevista, uma técnica significativa no processo de aproximação dos sujeitos observados. Este instrumento é apresentado na visão de Gil (1999, p. 117) como “uma forma de interação social, diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados.” Thompson (1998, p. 254) elucida que o entrevistador precisa demonstrar interesse e respeito pelos outros como pessoa e ter flexibilidade; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião dos sujeitos entrevistados. Compreendemos que existem diferentes tipos de entrevistas, portanto, utilizamos a entrevista semiestruturada, uma vez que ela se adequa ao enfoque qualitativo e valoriza a presença do entrevistado proporcionando perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação (TRIVIÑOS; 1987).

Para Minayo (2010) a entrevista semiestruturada obedece assim como as outras a um roteiro que é apropriado fisicamente e utilizado pelo pesquisador. Corroborando ainda com Triviños (1987, p.146) esse tipo de entrevista parte em geral de questionamentos básicos apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que em seguida oferecem amplo campo de questionamentos, possibilitando o surgimento de novas hipóteses que aparecem no decorrer das respostas dos informantes.

Para escolhermos nossos protagonistas elaboramos alguns critérios, pois o espaço da feira livre de São Bento consiste de inúmeras pessoas que vendem e compram produtos diversificados. Diante deste contexto optamos pelos feirantes que comercializam na área do barracão, isso se justifica porque os feirantes mais antigos da feira trabalham neste local.

Portanto, o total de sujeitos participantes da pesquisa foram quatro. Destes, três eram do sexo masculino e uma do sexo feminino. Vale frisar que todos são feirantes que vendem produtos agrícolas. Salientamos ainda que a escolha baseou-se em critérios como a faixa etária, o grau de escolaridade e o produto vendido. Preferimos esses feirantes porque nossas

origens vêm do campo, de uma família de agricultores, ou seja, temos certa a proximidade com a realidade dos sujeitos. Além disso, buscamos compreender os saberes e conhecimentos destes sujeitos sobre a feira, e assim enriquecer nossa pesquisa com as percepções dos feirantes.

Antes do contato com os participantes do estudo, já havíamos previamente observado quais seriam os possíveis sujeitos que corresponderiam aos nossos objetivos da pesquisa. Vale lembrar que, após essa sondagem, foi realizado um convite verbal com os feirantes durante a feira aos sábados.

Percebemos que durante a pesquisa de campo alguns feirantes ficaram assustados quando nos aproximamos e tentamos estabelecer algum tipo de conversa informal. Eles sempre mencionavam a fiscalização da prefeitura de Cascavel e nos perguntava se estávamos fiscalizando a feira. Porém, sempre deixamos bem claro nossos interesses com o desenvolvimento do trabalho que pretendíamos realizar.

Compreendemos que o respeito, consideração e gratidão pelos sujeitos que aceitam participar de uma pesquisa são fundamentais em qualquer investigação, por isso a todos os entrevistados solicitamos autorização para apresentar suas narrativas, em como quanto as fotos tiradas. Destacamos ainda que deixamos suas identidades em sigilo e para tanto, usamos nomes fictícios.

Para uma melhor compreensão dos sujeitos participantes de nossos estudos, apresentaremos a seguir um pouco sobre nossos entrevistados.

2.3 Sujeitos da pesquisa: aproximação

*[...] Na feira o que está à venda
É do trabalho suado
Do agricultor honesto
Que planta e colhe roçado
Com sacrifício e, portanto,
“Não pode vender fiado”
(MIRANDA, 2009, p.34 apud MONTEIRO, in ARAÚJO, 2006, p. 12).*

Identificamos que nossos protagonistas se deslocam de seus sítios, ou seja, da zona rural para venderem, no centro da cidade de Cascavel, o que cultivam. Isso destaca uma das causas que proporcionaram o surgimento da feira livre na sociedade, a necessidade do homem comercializar o que produz em excesso.

Destacamos que o ambiente da feira livre de São Bento é complexo, repleto de diversidades. Nos possibilitaram encontrar pessoas que compartilharam conosco os seus

saberes e sua visão de mundo. Que nos chamaram a atenção sobre visão de sociedade com um olhar mais generoso e aberto nos fazendo perceber o que está a nossa volta.

Antes de iniciarmos um contato direto com os feirantes, realizamos uma sondagem, porque percebemos que alguns demonstravam desconfiança e restrição quando perguntávamos sobre a feira livre. Isso ocorria porque achavam que nossa pesquisa se tratava de uma enquete da Prefeitura Municipal de Cascavel, e que estávamos fiscalizando ou procurando alguma irregularidade, como já foi citado anteriormente. Mas, quando explicávamos o objetivo das entrevistas, os feirantes aceitavam com simpatia e gentileza por contribuir com nossos estudos.

Entrevistamos quatro feirantes, há faixa etária entre 59 e 65 anos. Vale salientar que a escolha da quantidade dos entrevistados deve-se ao tempo estipulado para a concretização da pesquisa, e principalmente para a organização e análise dos dados coletados, os quais nos tornam inviável um número maior de participantes. Lembramos que dos quatro entrevistados três são homens e uma mulher. Optamos pela participação de uma mulher para observarmos se a opinião dela sobre a feira se assemelha à dos três homens entrevistados.

Nossos sujeitos são moradores da sede e dos distritos da cidade de Cascavel-Ceará. É importante destacar que os quatro participantes pertencem à família de agricultores e aprenderam com seus pais a arte de trabalhar na feira livre. Em relação ao nível de escolaridade destacamos que apenas um entre os entrevistados concluiu a educação básica e os demais não chegaram a terminar nem o ensino primário.

Nossa aproximação foi acontecendo naturalmente, o que nos proporcionou conhecermos um pouco da realidade dos feirantes e entendermos o espaço da feira livre de São Bento como parte da história social da população cascavelense que muitas vezes não é valorizada.

Ao nos introduzirmos na feira livre para realizarmos nossas observações, fomos envolvidos por uma ambiência configurada com diversidades de bancas, cores e sonoridades de vozes em que os feirantes anunciavam, de forma lúdica, seus produtos. Destacamos ainda, que circulando entre as barracas e mercados da feira observamos sua estética com uma visão voltada apenas não para seus produtos, e sim, para as práticas e falas dos sujeitos que fazem a feira acontecer.

No decorrer de nossa caminhada, a feira nos envolveu em suas práticas e seus sujeitos que oportunizaram conhecermos suas vivências.

2.4 O papel da feira livre na vida dos construtores de saberes: feirantes

Através de nossas entrevistas identificamos que o evento da feira desenvolve um papel importante na vida de seus frequentadores, principalmente nos aspectos econômico, social e cultural. Nas narrativas dos sujeitos notamos que caracterizam o espaço da feira livre como fonte de renda, meio de sobrevivência, ponto de economizar dinheiro, e também lugar das interações sociais demarcado como um lugar de diversão e criatividade nutrido vínculos de amizades e afetividade.

Evidenciamos ainda que a feira livre simboliza para nossos protagonistas uma realidade de propagação de valores afetivos, saberes e aprendizagens. Ressaltamos também que esse evento manifesta cultura, história e sociabilidade da população.

A feira livre de São Bento, enquanto espaço social configura-se como um local que representa uma função relevante para os sujeitos que a fazem acontecer, devendo ser valorizada como parte da história do povo cascavelense. Destacamos que o feirante a compreende além do processo de compra e venda de mercadorias. Para melhor compreensão da percepção dos sujeitos envolvidos sobre a feira destacamos alguns relatos:

[...] a feira é uma oportunidade de divulgar o meu produto, né. E garantir dinheiro para comprar o pão de cada dia e fazer a cidade de Cascavel crescer um pouco. (Feirante João)

Gente de outros lugares vem e compra mercadoria e ajuda [...] Aqui é um espaço bom de vir, a gente conversa e trabalha no mesmo tempo. (Feirante Maria)

[...] venho pra cá tanto tempo, que acho que a feira já faz parte da minha família (risos) melhor já faz parte sim, porque meus avôs trabalharam aqui meus pais e agora eu. (Feirante José)

[...] na feira todo mundo ganha, quem compra e vende. Aqui é o melhor lugar de achar comida boa e barata. (Feirante Maria)

Nesses pequenos trechos, acima, observamos como os feirantes relacionam o local da feira com a situação de sobrevivência familiar, além de responsabilizarem o desenvolvimento da cidade ao acontecimento do evento. Notamos também que os feirantes estabelecem uma relação próxima da sua realidade e respeito com a feira, pois eles visualizam neste espaço a garantia do sustento de sua família e uma forma de valorizar seus produtos.

A seguir discutiremos um pouco sobre a relação de dependência entre feira e cidade.

2.5 Feira livre e a cidade

Ao adentrarmos no espaço da feira observamos que esse evento causa uma modificação perceptível no território. A infraestrutura do centro da cidade se modifica e se prepara para a organização da feira livre. Todos os dias a cidade de Cascavel-Ceará se encontra com a feira e vice versa, sendo que no sábado a realização do evento se intensifica e causa um impacto cultural e social, devido à mistura de hábitos e gostos a percorrem seus corredores estreitos por entre bancas e barracas de alimentos, vestimentas e gêneros outros com uma comunidade heterogênea.

Conforme Almeida (2009):

[...] as feiras inscrevem-se como espaços de mobilidades onde, por meio das diversificadas dinâmicas, ergue-se uma rede educativa, de sociabilidades e culturas, vivenciadas pelos sujeitos sociais no âmbito dos territórios construídos. Esses sujeitos evocam uma multiplicidade de educações, territorialidades e sociabilidades ao apropriarem-se material e simbolicamente dos espaços [...] (ALMEIDA, 2009, p. 35).

Diante desta citação, percebemos o quanto a feira livre impulsiona inúmeras práticas sociais. A feira e a cidade dependem uma da outra para se fortalecerem socialmente, sendo que as práticas cotidianas no espaço do feirante causam uma ressignificação no território da cidade. Portanto, seus sujeitos são agentes primordiais no processo de construções de saberes e aprendizagens neste espaço. A feira livre transcorre num espaço no qual ela desestrutura e reestrutura de forma simples e dinâmica o centro da cidade.

O território em que a feira livre de São Bento acontece atualmente passou por algumas reorganizações, pois a prefeitura municipal estabeleceu um planejamento de remanejamento de bancas e barracas. Segundo os feirantes, os fiscais argumentaram que essa mudança iria melhorar a mobilidade das pessoas e diminuir os transtornos no trânsito durante a feira. Entretanto, em nossas visitas ouvimos críticas e reclamações dos fregueses e alguns feirantes, argumentando que essa mudança trouxe prejuízos e confusões.

Comungamos com Miranda (2009), ao ressaltar que:

A feira livre é antes de tudo um lugar público de comércio. Consiste na reunião de vendedores e compradores em determinado local e hora, em um local quase sempre descoberto, onde se desenvolvem troca, venda e comércio de mercadorias. Em certos locais, ela deixa de ser um fato *rotineiro* para assumir um papel de *destaque*, sendo difícil às vezes apontar até que ponto a feira depende da cidade ou a cidade depende da feira (MIRANDA, 2009, p.29).

Desse modo, acreditamos que a feira livre torna-se um evento social notável com valor sócio cultural para a população local. O espaço de comercialização dos feirantes promove aprendizagem *tática* que faz parte da invenção do cotidiano (CERTEAU, 1998) e perpassa toda a cultura do ambiente da feira. Portanto, as feiras livres promovem funções significativas na cidade e apresentam inúmeras atrações que seduzem e encanta seus frequentadores.

[...] Além da função comercial, [as feiras] ainda exercem o papel de local de encontro e de lazer para a população. Nelas tudo se vende: alimentos — produzidos na região e aqueles vindos de outras mais longínquas —, roupas [...], utensílios domésticos, plásticos, louças, instrumentos para a atividade rural como depósitos para leite, arreios, chapéus, botas, chicotes etc. Para os que vivem nessas cidades, é o dia de abastecer a casa; para os comerciantes, é um dia em que se vende mais e para muitos moradores e trabalhadores do campo é dia de ir à cidade, seja para vender seus produtos, para comprar os necessários, mas também para ir ao médico, resolver negócios e também colocar a conversa em dia. Dia de feira é dia de mercado, mas também de encontro (MIRANDA, 2009, p. 36 *apud* MAIA, 2006, p. 8).

É importante discutir que o surgimento das feiras livres tornou-se um acontecimento que proporcionou grandes modificações na organização das cidades, portanto, compreender o desenvolvimento das práticas cotidianas dos feirantes dentro da feira livre, é buscar o entendimento das causas que implicaram em sua origem. É com base nessa perspectiva que apresentamos a seguir, alguns dos caminhos possíveis que impulsionaram o nascimento das feiras livres na sociedade.

2.6 Aspectos históricos da feira livre: São Bento

Para compreendermos o percurso histórico das feiras livres é necessário estabelecer uma linha de equilíbrio entre o surgimento das cidades e das grandes civilizações mundiais.

A feira livre manifesta relações culturais entre a cidade e o campo. Mesmo com as novas formas modernas de compra e venda de produtos, a feira sobrevive e resiste no decorrer dos tempos. Ao mesmo momento em que a “bagunça e a desorganização” vista de fora atinja a feira e aumenta, aos olhos dos desavisados, sua depreciação, suas manifestações artísticas, suas riquezas culturais, o colorido e a alegria dos feirantes tornam-se um elemento imagético de encantamento dos seus frequentadores.

A relação humana com a “instituição” feira livre existe há muito tempo, pois o processo de produção de subsistência e de troca de mercadoria, o escambo, entre os povos, predominou na história, pois as sociedades produzem bens para satisfazer suas necessidades

essenciais. A partir do momento em que o ser humano passou a produzir em excesso, e perceber a necessidade de realizar a prática da permuta, da compra e da venda de produtos, surgiu um primeiro olhar para a feira livre e, principalmente, a relação comercial e econômica (HUBERMAN, 1976).

Para melhor entender o sistema de movimentação e circulação da feira, compreendemos que é necessário conhecer melhor as origens das feiras livres, por isso buscamos inicialmente apoio em algumas leituras sobre o tema, entre elas destacamos o autor Huberman (1976, p.31) que ressalta em sua obra “*História da riqueza do homem*” o surgimento das primeiras sementes das feiras livres na sociedade. E por meio dela conseguimos relacionar a história da economia e o nascimento das feiras livres na história da humanidade. Para esse autor as feiras foram constituídas para atender uma necessidade do comércio estável e permanente de algumas cidades da Europa, ressaltando ainda que existem diferenças entre mercados e feiras. Vejamos:

Os mercados eram pequenos, negociando com os produtos locais, em suas maiorias agrícolas. As feiras, ao contrário, eram imensas, e negociavam mercadorias por atacado, que provinham de todos os pontos do mundo conhecido. A feira era o centro distribuidor onde os grandes mercadores, que se diferenciavam dos pequenos revendedores errantes e artesãos locais, compravam e vendiam as mercadorias estrangeiras procedentes do oriente e ocidente, Norte e Sul (HUBERMAN, 1976, p. 32).

Com o surgimento das feiras livres criou-se um caminho amplo de relações humanas, principalmente no aspecto de intercâmbios de produtos de diversas origens. Assim, distante de ser uma instituição de origem moderna, as feiras e mercados se formavam numa manifestação popular que vem desde a antiguidade e sobrevive no decorrer dos tempos.

Para Dantas (2008, p.88) a feira pode ser “observada como instituição destinada á troca comercial, a feira tem sua origem relacionada ao renascimento da atividade comercial na passagem da Idade Média para a Idade Moderna”.

Durante muito tempo as cidades sofreram com problemas de todos os aspectos, dentre eles a falta de estradas e de transportes que facilitassem a circulação de mercadorias. Assim, as vilas e cidades em um determinado período não possuíam comércio permanente (DANTAS, 2008, p.88). Por tal razão veio à necessidade de realização de feiras periódicas, que passavam a acontecer uma ou duas vezes por semana, como um mecanismo vital para estabelecer um comércio de caráter fixo (HUBERMAM, 1976).

Segundo Almeida (2009, p. 22) a origem da feira livre pode ser atribuída à Idade Média. Foi segundo ele, precisamente durante a revolução comercial no século XI que as

feiras ganharam destaques ao conquistaram espaço entre as classes populares, especialmente em lugares onde a população realizava trocas ou vendas de produtos. A autora ainda afirma que:

O movimento de surgimento das feiras foi acompanhado de uma demanda natural das pessoas por oferecer um ambiente onde se pudesse agregar a maioria dos produtos, disponibilizando-os a um maior número de pessoas, vendendo ou trocando excessos por outros produtos dos quais se tinha falta. É importante destacar que as autoridades tinham grande interesse quanto à colocação de feiras em suas regiões, porque elas contribuía para o aumento do fluxo de recursos nas mesmas, bem como, seriam negociados os produtos da própria comunidade. (ALMEIDA, 2009, p. 23).

O interesse pelas feiras livres no decorrer dos tempos foi aumentando, pois as pessoas perceberam que esse tipo de evento proporcionava um acúmulo satisfatório de capital e a movimentação de grandes negócios, além da necessidade das pessoas de trocar e comprar mercadorias. Marx (1988) no primeiro capítulo da sua obra o Capital, ratifica que a mercadoria tem um duplo valor, ou seja, de uso e de troca.

Vale destacar que no Brasil seguem algumas evidências de que as feiras livres surgiram desde o período de colonização, e que apesar das grandes inovações modernas as feiras ainda reafirmam seu valor principalmente nas cidades interioranas da região Nordeste do Brasil (SILVA, 2011). Enfatizamos que boa parte das grandes feiras livres se concentrava nessa parte do país, e muitos feirantes são agricultores que fazem do ambiente da feira sua fonte de renda e propagação de seus produtos.

Mascarenhas (2008) exemplifica a comunidade da feira no Brasil da seguinte forma:

A feira livre no Brasil constitui modalidade de mercado varejista ao ar livre, de periodicidade semanal, organizada como serviços de utilidade pública pela municipalidade e voltada para distribuição local de gêneros alimentícios e produtos básicos (MASCARENHAS, 2008, p. 76).

Continuando com a discussão sobre a origem das feiras, Dantas (2008, p. 92) afirma que a instituição feira se fortaleceu na região Nordeste exatamente pela “própria formação socioespacial da região, das condições socioeconômicas da população e do tipo de agricultura e pecuária praticada na região”.

No contexto da formação socioeconômica nordestina, a feira livre desempenhou – e por que não dizer desempenha – grande importância, por ser uma das principais formas de comercialização da produção agrícola e principal mercado de abastecimento para uma parcela da população. Além disso, ela muda, mesmo que seja por algumas horas, toda a dinâmica da cidade em face da movimentação de

pessoas que se deslocam, seja de suas residências na cidade, de uma comunidade rural próxima à cidade, de outro município e, também, de outros estados dependendo do raio de abrangência da feira (DANTAS, 2008, p. 92).

Compartilhando ainda da ideia de Dantas (2008, p.93) frisamos que “a feira nordestina apresenta como função básica ser um espaço concentrador de parte da produção agrícola local”, entretanto, na feira livre de São Bento percebemos que existe uma pequena mistura de feirantes que vendem o que produzem e outros que compram de agricultores para vender na feira, dentre os quais, há pessoas de outras cidades. É fundamental frisar que as feiras estão se desenvolvendo e ofertando produtos diversos. Conforme Almeida (2009):

Nos tempos modernos, as feiras têm diversificado o oferecimento de produtos. Especialmente, as que conhecemos hoje, dispõem de hortifrutigranjeiros, artesanato, quitandas, desde produtos sofisticados até mínimas coisas para as camadas mais populares. Há que se destacar a existência de feiras mais sofisticadas, como as realizadas em bienais, exposições de animais, comuns em todo o mundo, cujo objetivo é o grande comércio. No Nordeste, por exemplo, são famosas as feiras de gado em Feira de Santana, a Feira de Caruaru e da Paraíba que deram origem a muitas cidades do interior nordestino (ALMEIDA, 2009, p. 23).

É importante destacar que a feira mobiliza toda a cidade sendo um dos eventos principais do próprio local, tendo a capacidade de organizar e desorganizar a estrutura espacial central da cidade tornando-se um acontecimento de grandes proporções para a população. Assim, identificar a feira como sendo algo que permeia toda nossa história é reafirmar nossas origens socioculturais.

Dentre as práticas culturais da sociedade urbana, destaca-se a feira como evento que atravessa o tempo com ares festivos, enquanto pode ocultar conflitos e dificuldades, dadas condições inerentes ao modo de produção capitalista que, por sua vez, interfere nas transações comerciais e na própria dinâmica da circulação de mercadorias nos setores interno e externo. A atividade de troca está relacionada à própria história do homem a partir do momento em que a vida sedentária se consolida mediante a produção de bens, de então, o excedente viabilizou transações de um produto por outro entre pessoas das mais diversas localidades, originando, portanto, a feira. Desde sua origem, ela exerce um poder de atração tanto pela oferta de produtos naturais, mercadorias de primeira necessidade, utensílios rústicos, de barro e de ferro, artesanatos em geral, como pela aproximação entre as pessoas (SILVA, 2008, p. 31).

Corroborando com esse autor acreditamos que o espaço da feira evidencia relações de práticas educativas mediadas por troca de saberes.

Ressaltando um pouco sobre a feira livre de Cascavel-Ceará podemos dizer que ela surgiu no século XIX, anteriormente se chamava “feira de gêneros”, com o passar do tempo recebeu o nome “feira de São Bento” o antigo nome da cidade.

Ao relatar o modo de vida da população cascavelense no século XIX, [...] vivia na labuta, nas moagens da cana nos engenhos, nas feiras semanais, vai se consolidando a convicção de que a feira tem sua origem no sítio Cascavel, quando os primeiros mercadores praticavam o escambo: trocavam sal, goma, rapadura, farinha, caprinos, frutas por produtos de primeira necessidade, compõe, definitivamente, o modo de vida cascavelense, a cultura do lugar (SILVA, 2011, p.15).

Com o surgimento do processo de urbanização da cidade a feira cresceu e atraiu mais visitante e compradores, contribuindo, assim, para a economia dos municípios a gerar emprego e renda para os habitantes. De acordo com Silva (2011) a feira livre de Cascavel tem a capacidade de agregar valores afetivos caracterizados como valor material ou imaterial para seus visitantes.

Ele ainda destaca que a feira de São Bento não é apenas um espaço de ações comerciais, de negócios em geral e de manifestações artístico-culturais (cantorias, artesãs, pintores de rua, embolada ou coco, forró pé de serra), mas um momento de encontro, de troca de vivências, de festa, de confraternização.

Evidenciamos ainda que nos poucos registros referentes à história do município de Cascavel a sua origem se deu em parte aos encontros dos comerciantes que passavam pela Estrada Real¹, onde se formou o lugarejo e com o passar dos tempos se desenvolveu para cidade. A localização da cidade numa área litorânea facilitou as relações comerciais, pois possibilitava a troca e a guarda de produtos. Diante disso, compreendemos que esses fatores contribuíram para o nascimento da feira livre na cidade.

A seguir destacamos duas figuras que expressam um pouco da história dos espaços em onde se realizavam a feira livre de São Bento antigamente. Esses ambientes no decorrer dos tempos sofreram grandes alterações, mas que fazem parte da memória e história de muitos habitantes do município de Cascavel- Ceará.

A diante apresentamos algumas imagens que retratam a história passada de Cascavel.

¹ Percurso que fazia ligação de Fortaleza a Aracati e Mossoró – Rio Grande do Norte.

Figura 1-Antiga praça do mercado de Cascavel – Ceará



Fonte: Disponível no Site da prefeitura

Figura 2- Antigos barracões de rapaduras e frutas da cidade de Cascavel



Fonte: Disponível no Site da prefeitura.

2.7 O contexto investigativo: a feira livre de São Bento

Ao chegarmos ao centro da cidade de Cascavel- Ceará, deparamos logo com os rastros da feira livre. As bancas, barracas e o circuito de feirantes se concentram entre as árvores e grandes mercantis. O mundo da feira faz parte de uma festa social tipo das cidades nordestinas que acontece em muitas cidades nordestinas como já havíamos mencionado, porém cada localidade representa nesse evento suas características próprias, a alegria de seu povo e a diversidade de seus produtos.

[...] são lugares possuidores de uma riqueza cultural peculiar, feita por produtos que vêm carregados de inúmeros significados e por relações humanas fortes e marcantes. Não é por outra razão que muitos viajantes afirmam que uma das melhores maneiras de conhecer uma cidade ou um país é freqüentando suas feiras e mercados (MIRANDA, 2011, p. 34).

Observamos ainda a existência de uma arquitetura que testemunha, são os prédios antigos próximos a feira livre de São Bento, conservados como forma de preservar a história e a memória do município, como podemos conferir na foto a seguir:

Foto-3: da Fachada reformada da ala de entrada para os boxes de barbearia da feira



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Antes de entrarmos propriamente no universo da feira livre de São Bento, é necessário conhecermos o contexto em que se situa. Para tanto, faremos um breve resgate histórico sobre a cidade.

O município de Cascavel – Ceará recebeu este nome, segundo a versão de antigos moradores da cidade, devido aos viajantes ou comboieiros, que em suas travessias da cidade de Aracati para Aquiraz e Fortaleza encontravam no caminho muitas cobras cascavéis nos galhos dos cajueiros², portanto a cidade foi denominada com a expressão “passagem da cascavel”. Fato esse que teria levado os fundadores a denominarem o lugar de Sitio Cascavel.

Silva (2011) destaca que:

A formação urbana de Cascavel se iniciou com os encontros entre viajantes, mercadores, agricultores, missionários, comboieiros, aventureiros, e todos que habitaram e que, de alguma forma contribuíram para a construção e transformação do lugar (SILVA, 2011, p. 38).

O município onde se localiza o cenário da feira livre de São Bento é a cidade de Cascavel que dista de Fortaleza 64 quilômetros e localiza-se no litoral leste do Estado do Ceará. Hoje, a principal via de acesso é a estrada de rodagem CE-040. A cidade faz parte da região administrativa nº9. Os municípios limítrofes são: Aquiraz, Beberibe, Chorozinho, Horizonte, Ocara, Pacajus e Pindoretama. Os distritos que compõem Cascavel são: Cascavel (sede), Pitombeira, Caponga, Cristais, Guanacés, Jacarecoara e Barra Nova.³

Figura 4: Entra principal do município



Fonte: site da prefeitura.

²Árvore abundante naquele local.

³ Site da Prefeitura do município de Cascavel: <http://www.cascavel.ce.gov.br>. Acessado em setembro de 2013.

Os primeiros registros referentes ao Município de Cascavel surgiram em 1660 segundo consta no relatório de 1814 do governador Luiz Borba Alardo de Menezes. Na região fértil dos tabuleiros, tão propícia ao cultivo da mandioca e da cana-de-açúcar, nasceu e cresceu a meio caminho da cidade o porto de Aracati e de Fortaleza, capital da Província, um pequeno núcleo populacional que viria a ser, mais tarde, a cidade de Cascavel.

No que se refere o nome da cidade apresentamos algumas versões, a primeira delas é que a cidade de Cascavel foi construída em cima do ninho de uma cobra Cascavel gigante. Relatam que no local onde se encontrava este ninho foi levantada uma torre, e em seu topo colocaram a imagem de Nossa Senhora do “Ó”, para que assim, a santa impedisse da cobra fugir e destruir a cidade. Devido a essa lenda, o nome da cidade passou de Sitio Cascavel para São Bento, porque este santo é o protetor das pessoas picadas por cobras, porém os moradores não se acostumaram e continuaram a chamar a cidade de Cascavel, confiantes na força da santa que impedia que a cobra devastasse o município.

Cascavel é locativo pouco usado na geografia cearense. Sendo nome de uma cobra venenosa, era, por alguns, aceito a contragosto. Daí as tentativas de substituição: primeiro quiseram mudá-lo para São Bento, protetor contra as picadas do perigoso ofídio, não vingou e, a não ser popularmente, jamais teve esta denominação, não obstante sua feira, por muito tempo, haver sido chamada de Feira de São Bento (BESSA, 1994, p.22).

A cidade de Cascavel surgiu, pela primeira vez no Ceará, na sesmaria de Domingos Paes Botão e seu cunhado João da Fonseca Ferreira, concedida em 1694 pelo Capitão-Mor Fernão Carrilho. Apenas em 1833 finalmente a cidade muda sua denominação oficial para Cascavel. E a denominação São Bento passou para a feira livre que antes se chamava “feira dos velhos”, porém a população não fazia referência à feira pelo nome do santo, e sim por feira de Cascavel.

A feira livre de São Bento localiza-se no ponto central da cidade, interligando o mercado público e os barracões onde concentram boa parte dos feirantes agricultores. Seu funcionamento ocorre em todos os dias da semana. No entanto seu dia mais movimentado é o sábado, algo que comprovamos com as entrevistas e as observações.

A partir da sexta-feira no final da tarde a movimentação de homens carregando e armando barracas é intenso. Observamos que jovens iniciam o trabalho na organização da feira livre logo cedo.

Salientamos também que a fertilidade econômica da feira acontece, principalmente, quando as mães de famílias recebem seus benefícios da bolsa família⁴, os aposentados a sua aposentadoria, e os operários das fábricas seus salários.

Portanto, essa circulação em dinheiro aquece a feira livre fazendo o número de frequentadores aumentar e alegrar muitos feirantes que promovem os preços de seus produtos, oferecendo boas promoções. Confirmamos isso no relato do feirante José “aqui tem mais movimentação no sábado, mas o melhor dia da feira de Cascavel é no início do mês, porque o povo vem tirar dinheiro”.

Figura 5-Movimentação da feira aos sábados às 5 horas da manhã



Fonte: Acervo da pesquisadora

⁴ O Programa Bolsa Família é um programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o país. Disponível em: www.mds.gov.br/bolsafamilia

Figura 6- Movimentação das barracas de frutas e verduras



Fonte: Acervo da pesquisadora

Nas figuras acima percebemos que a movimentação de fregueses na feira, que se inicia, principalmente, nas barracas de frutas e verduras. Muitos fregueses realizam suas compras na sexta-feira, no final da tarde, pois alguns afirmam que há poucas pessoas, e no sábado o número de pessoas é bem maior.

Observamos que realmente aos sábados a feira recebe muitos visitantes tornando o fluxo de pessoas e de veículos mais intenso. Visualizamos que o evento da feira livre sobressai na cidade, causando mudanças na forma de organização do espaço, como expressa Miranda (2011, p. 30) ao ressaltar que a feira deixa de ser um “fato rotineiro para assumir um papel de destaque na cidade e assim dificultando apontar até que ponto a feira depende da cidade ou a cidade depende da feira”.

Um ponto interessante é que a feira tem a facilidade de atrair diversas pessoas, diante disso, perguntamos aos feirantes se eles poderiam responder a seguinte questão: por que as pessoas frequentam a feira livre de São Bento? Seguem algumas das respostas que consideramos mais relevantes para esse estudo:

Elas vêm para comprar, comer [...] (Feirante Maria)

As pessoas gostam de passear, conversar com os amigos
Namorar (risos), gastar dinheiro, conversar, (Feirante José)

Porque na feira tem mercadoria barata e de qualidade,
Vem “bater perna”, comprar, tomar caldo de mocotó, conversar (Feirante Pedro)

Para comprar comida, roupa, sair de casa um pouco, economizar dinheiro.
Visitar o mercado, comprar feijão, farinha, goma, milho, roupa, verduras (Feirante José)

O povo vem comprar, resolver negócios, passear
Vender suas mercadorias, outras vem comprar.(Feirante João)

Nota-se nas falas acima um pouco dos atrativos que fazem da feira livre um espaço freqüentado por inúmeras pessoas. É relevante destacar também que se observa nas respostas o papel social que a feira ocupa na vida de seus admiradores.

Feiras públicas são localizadas e/ou criadas em espaço público dentro da comunidade. Esse é o aspecto visível das feiras a criação de um local convidativo, seguro e ativo que atrai todo tipo de pessoas. Como um lugar efetivo onde as pessoas se misturam, feiras públicas se tornam o coração e a alma da comunidade, ou seja, um local onde as pessoas interagem facilmente e onde inúmeras atividades da comunidade acontecem (MIRANDA, 2011, p.32 *apud* THE FORD FOUNDATION, 2004,p. 7).

Corroborando com a citação apresentada, percebe-se realmente que a feira foi criada pelas pessoas com a função de integrar e atrair sujeitos de diferentes lugares, causando uma aglomeração de tradição, cultura e saberes, além, de ser um evento de celebração das práticas educativas de um povo.

Uma das cenas mais presenciadas durante nossas observações à feira livre de São Bento foram amigos conversando e sorrindo, pessoas correndo com sacolas nas mãos, crianças chorando por brinquedos, alguns idosos tomando cachaça, mulher fazendo tapioca no barracão, feirantes gritando para chamar a atenção dos fregueses, vendedores ambulantes disputando espaço com as barracas, e a beleza do artesanato local marcando território na grande festa.

Veremos a seguir a feira livre como palco de celebração do artesanato local.

2.8 Artesanato e feira livre

É importante ressaltamos que falar da feira livre de Cascavel é também apresentar um pouco sobre o artesanato dos cascavelenses, boa parte da comunidade artesã que oferece seus

produtos na feira aos sábados pertence à localidade chamada Moita Redonda, que fica um pouco distante do centro da cidade. Muitas famílias que residem nesse lugar trabalham com a argila e produzem panelas de barro, potes, jarros e filtros, acessórios cobiçados pelos turistas que visitam a feira, e pelas domésticas. Além disso, a feira oferece também o artesanato feito com cipó uma arte valorizada pela população que simboliza fonte de renda para muitas famílias.

Por via do artesanato oferecido na feira conseguimos fazer uma leitura cultural e histórica, pois por meio da arte o artesão, e ao mesmo tempo feirante, dá continuidade ao conhecimento particular de gerações, e resgata em suas mãos saberes que fazem parte da sua identidade. Assim, a feira livre modifica o espaço da cidade e celebra as práticas sociais de uma comunidade, além de contribuir por meio do artesanato com o fortalecimento das manifestações culturais de um povo.

Na visão de Miranda (2009):

A grande maioria dos mercados ao ar livre traz consigo um valor cultural intrínseco despertado pela enorme variedade de produtos comercializados e/ou apresentados ao público e que fazem parte do cotidiano de seus frequentadores. Com o tempo, esse espaço de sociabilidade tornou-se referência na formação da identidade cultural do povo e uma atração para os visitantes, tendo em vista a variada riqueza presente no conjunto material e humano ali exposto (MIRANDA, 2009, p. 49).

Diante desse argumento, percebemos que o universo da feira contribui significativamente na valorização do artesanato local e conseqüentemente no sustento de muitas famílias artesãs, além de promover cultura e motivar as relações de interação entre as pessoas.

Figura 07- Vendas de panelas de barro



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 08- Barracas de artesanato variado



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 09- Artesanato de Cipó



Fonte: Acervo da pesquisadora

Observamos nas figuras um pouco da diversidade do artesanato oferecido na feira livre de São Bento, a beleza dos produtos apresentados neste espaço tem a capacidade de atrair ou convidar uma gama satisfatória de pessoas que participam das relações e revestem este local como um evento sócio cultural e de produção de conhecimentos.

No próximo capítulo dissertaremos sobre as narrativas dos protagonistas da pesquisa e realizaremos uma discussão diante dos conhecimentos construídos pelos feirantes em suas práticas cotidianas.

3 CONSTRUINDO CONHECIMENTO: A VOZ DOS FEIRANTES

Refletindo sobre o objeto deste estudo, no capítulo a seguir apresentamos a sua relação com a feira livre de São Bento. Elucidamos a narrativa dos sujeitos destacando seus saberes e aprendizagens construídas cotidianamente. Iniciamos discutindo acerca dos saberes construído no cenário social no qual estão inseridos os protagonistas.

3.1 Comprar e vender uma dança cotidiana na feira livre de São Bento: saberes vividos e experimentados

[...] Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com educação (BRANDÃO, 2005, p.7).

O universo do nosso campo investigativo celebra todos os dias a prática cultural do comprar, do vender e do rever uma “dança” típica do ambiente dos feirantes. Sendo que por trás dessas ações podemos ressaltar que existe uma carga de subjetividade entre os membros que participam de tais práticas sociais, além de contribuir fortemente para a formação de uma identidade comum entre seus frequentadores (ALMEIDA, 2009).

Nessa perspectiva, acreditamos que a feira livre é contemplada por inúmeras interações sociais devido a dinâmica da compra e venda de produtos que circulam naquele ambiente e constituem estilos societários de vidas. De acordo com Bourdieu (1989):

O espaço social e as diferenças que nele se desenham “espontaneamente” tendem a funcionar simbolicamente como espaços dos estilos de vida ou como conjunto de *stande*, isto é, de grupos caracterizados por estilos de vida diferentes (BOURDIEU, 1989, p.144).

Diante de tal argumento, entendemos que a feira como um evento social que proporciona uma reconfiguração do espaço e convive no cruzamento dos diferentes tipos de vidas.

Compreender a feira de São Bento como um lugar de saberes e práticas educativas, é buscarmos entender o processo sistemático do conhecimento fora das instituições escolares e percebemos o homem como transformador e condutor de suas relações no meio em que vive. Ou seja, como o sujeito ver o mundo e o que ele aprende (ALMEIDA, 2009 *apud* CHARLOT; 2000).

Desse modo, olhamos a feira com a visão do próprio feirante, a qual é fundamental para identificarmos seus saberes e aprendizados construídos, vendendo, negociando, comprando e se divertindo. Em um espaço de cultura e “práticas ordinárias” que intrigam, e ao mesmo tempo propiciam construções de relações sociais de caráter educacional.

Nossa primeira entrevistada relata um pouco sobre o que aprendeu trabalhando na feira de São Bento, há vinte e cinco anos, vendendo feijão, milho, rapadura e farinha.

A cada dia a gente aprende alguma coisa seja na feira ou fora dela, mas aqui trabalhando na feira aos sábados aprendi a comercializar, a ganhar dinheiro e fazer amizades, porque a gente faz muitas amizades na feira, mais o principal é ver meus amigos, oferecer minha mercadoria, conquistar fregueses e ajudar ganhar dinheiro para sustentar a família (Feirante Maria).

Percebemos nesta fala a relação entre o aprender e a prática, pois a feirante acentua com clareza que seu trabalho na feira possibilitou adquirir conhecimentos sobre o ramo do comércio, e isso facilitou exercer suas atividades. Portanto, os saberes adquiridos pelos feirantes nascem de suas vivências cotidianas, e esses conhecimentos produzidos partem de ações úteis da realidade deles. Salientamos também que a existência da feira representa para população local um evento de sobrevivência e de encontros.

As feiras livres, mais que espaços de comércio, são locais que representam a dinâmica de uma sociedade em determinado momento, pois demonstram a produção local e a circulação de mercadorias. No Brasil, como em outras sociedades, as feiras são espaços ricos culturalmente. Em geral, afastadas dos setores mais abastados das cidades, elas estão mais próximas das camadas populares, nas áreas periféricas e hoje servem mais a esta população (MINNAERT, 2008, p. 130).

Mesmo concordando com este autor, destacamos também que o evento da feira já atinge todas as camadas sociais e que seus frequentadores são diversos. E neste espaço não há distinção de classe social e sim um intercâmbio entre o conhecimento do campo com a cidade.

Assim, entendemos que o ambiente dos feirantes propicia saberes que se encontram fora das instituições formais. E também a visão de que o aprender na feira acontece de forma subjetiva. Para essa narrativa complementamos com as ideias de Almeida (2009, p.27) no qual ressalta que a feira não deve ser vitalizada apenas como uma movimentação de compra e venda de produtos, mas “de laços de toda natureza, como a cognitiva, a afetiva, a social e a cultural”.

Destacamos a seguir outro depoimento.

[...] Na feira trabalho com minha filha e sempre venho com ela, porque assim ela já vai conhecendo e aprendendo como é o comércio na feira de Cascavel. A feira traz lucro, dependemos dela para ganhar o “pão de cada dia”, né. Então trabalhar aqui é bom demais, a gente vê pessoas até turistas de outro país. Gosto muito daqui, me sinto em casa (Feirante Maria).

No relato acima percebemos como a depoente relaciona a feira com sua casa, atribuindo uma característica familiar ao espaço de trabalho. Observamos nos relatos que as atividades da feira são ensinadas de geração para geração. Notamos também, na fala desta feirante, uma satisfação em fazer parte da feira livre, e passar para sua filha os saberes que ela aprendeu ali trabalhando. Tornando-o algo familiar. Destacamos a visão de Durkheim (2007) que afirma que a educação a ação exercida pelas gerações adultas sobre a geração jovem. Por isso destacamos que o ofício de feirante é transmitido de pais para filhos.

A comparação que a entrevistada faz da feira com sua casa demonstra a familiaridade e afetividade que os feirantes estabelecem com o espaço de trabalho. Evidenciamos na feira um lugar também movido por laços cognitivos e afetivos.

Vale salientar que a leitura realizada pelos feirantes sobre a feira livre é totalmente distinta das visões dos sujeitos que não precisam da feira para viver e nem fazem parte desta cultura “marginalizada” de frequentar as feiras livres.

Almeida (2009) destaca que:

Na feira evidenciam-se “*artefatos*” e “*mentefatos*” visto que, a realidade é modificada através de olhares objetivos e subjetivos. Nela enfatizam-se atos de compra e venda de alimentos, roupas, aves, doces e peças artesanais, contudo, as relações de sociabilidade que nelas se estabelecem, os saberes que se constroem e se firmam como característica social desses sujeitos, a sua estética particular e a sua ambiência – visual e sonora – são elementos que configuram este “espaço vivido” e tecem uma vivência particular, inscrevendo-se na história das pessoas que constituem os espaços urbanos (ALMEIDA, 2009, p. 27).

Seguindo tal pensamento, acreditamos que a feira livre constitui um conhecimento “vivo” no qual o sujeito aprende de forma espontânea em suas práticas cotidianas. A autora ainda ressalta que a leitura que devemos fazer da feira inclui um processo amplo de desejo de saber, remetendo-nos a uma leitura crítica desse espaço. E que as relações de produção e consumo, ensino e aprendizagem das quais as feiras populares são palco formatam um *lócus* genuinamente educativo, visto que se constituem em territórios consagrados às negociações, saberes, dizeres, encontros sociais e outras relações que delimitam um espaço repleto de ações e idéias (ALMEIDA, 2009).

A comunidade estabelecida dentro da feira livre fortalece os laços afetivos e colabora nas relações sociais entre os sujeitos. Tivemos a oportunidade de perceber isso em nossas visitas á feira durante a semana e principalmente aos sábados, dia de maior intensidade da feira livre de São Bento. As práticas cotidianas construídas nesta comunidade de cores, cheiros e vozes crescem diariamente produzindo saberes, conhecimentos vividos por sujeitos transformadores, históricos e sociais do seu próprio meio.

Figura 10: Feirante de rapaduras, feijão e farinha.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Na foto acima apresentamos que o mundo dos negócios na feira pertence também às mulheres agricultoras, que durante as últimas décadas tornaram-se chefes de famílias e ativas em diversas atividades trabalhistas na sociedade.

É importante destacar, que em nossas entrevistas tivemos o prazer de conhecer uma feirante que compartilhou um pouco de suas experiências sobre a feira, e ressaltou que ela teve a oportunidade de estudar e até fazer um cursinho, mais não quis deixar a vida da feira, pois gosta de trabalhar e estar perto das pessoas. Vale destacar que de todos os nossos sujeitos entrevistados a feirante Maria foi a única que chegou a concluir o ensino básico.

Evidenciamos que as práticas cotidianas na feira livre estabelecem ações sociais que caracterizam o espaço dos feirantes (CERTEAU, 1998). Além de ocasionar uma transformação territorial e ao mesmo tempo disciplinar.

Verificamos na feira que alguns feirantes destacavam questões relevantes na administração e preservação do espaço, principalmente no aspecto de higiene e segurança pública. Mostraremos a seguir o relato do feirante Pedro que essa questão.

[...] eu fico preocupado com algumas coisas na feira principalmente a falta de policiais, porque tem muita gente que já foi assaltado perto da bancas, aí isso é ruim pra gente, né. Outra coisa é também é a limpeza da rua e da feira às vezes o mau cheiro prejudica nosso trabalho e afasta os fregueses.

Tendo em vista, a fala apresentada acima notamos que o feirante, expressa questões de ordem pública e mostra os pontos negativos da feira livre.

É importante frisar que durante nossas visitas e entrevistas na feira, poucas vezes encontramos policiais circulando no local do evento, porém a presença dos fiscais da prefeitura se fazia constante, principalmente aos sábados. Conversando informalmente com alguns feirantes de roupas e frutas descobrimos que haveria uma modificação na estrutura de organização das barracas da feira livre de São Bento, ou seja, alguns feirantes iriam se deslocar para outro espaço da feira. Indagando com um fiscal da prefeitura ele afirmou que essa reorganização iria melhorar e ampliar o funcionamento da feira, facilitando a circulação dos fregueses e o trânsito.

Continuando com nossos estudos apresentamos agora o depoimento do feirante João no qual comenta sobre seus aprendizados construídos trabalhando na feira.

Quando iniciei trabalhando na feira foi ajudando meu pai há 30 anos atrás, a feira nem era como é hoje, mudou muita coisa. Agora eu estou dando continuidade o que o meu “velho” fazia todo santo dia. [...] o que mais gosto na feira de Cascavel é estar no meio do povo, vender minhas mercadorias, conversar com os amigos e desfrutar da feira. Mais o que é ruim é a fiscalização que às vezes atrapalha a gente e complica nosso trabalho. Tudo o que eu sei sobre a feira aprendi aqui mesmo, vendendo, tirando brincadeiras com os amigos, falando com os fregueses sendo educado em tratar as pessoas, porque se o feirante for “bruto” ele perde o comprador na hora aí já era. [...] não cheguei a terminar os estudos mas aprendi pelo menos ler um pouco e escrever meu nome e o pouco que sei me ajuda a trabalhar aqui (Feirante João).

Percebemos na fala do depoente que o mundo da feira proporciona o aprender de regras de convivência e de comportamento. E que o discurso direcionando para seus fregueses faz parte de um ritual de “sedução” que consiste em suas práticas educativas, e o ser educado na visão dos feirantes é estabelecer uma relação de simpatia com seus clientes. Além disso, o seu processo de aprendizagem acontece em meio a conversas e risos, e essas estratégias são fortalecidas pelas ações táticas desenvolvidas cotidianamente pelos feirantes.

Figura 11: Banca de rapaduras localizada no barracão.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Registramos esta figura quando estávamos observando as práticas dos feirantes no espaço do barracão. E o que nos chamou a atenção foram as manifestações lingüísticas desenvolvidas pelos sujeitos nos momentos de negociação, como as expressões “dar”, “só hoje”; “olhar não paga nada, mas também não leva”; “ se levar não vai se arrepender” estas falas dos feirantes representam o uso que os sujeitos fazem da língua para conquistar os fregueses.

Podemos considerar ainda que os feirantes constroem em suas práticas cotidianas na feira um universo de saberes que são reconhecidos pelos próprios sujeitos como modo de vida. Nessa dança rotineira de compra e venda se manifesta o vínculo entre práticas educativas e troca de saberes entre os sujeitos que fazem a feira.

Destacamos a seguir a narração do feirante José, que compartilha com nossa pesquisa suas experiências de aprendizado com a feira.

Aprendi algo muito importante trabalhando na feira, a respeitar o espaço do outro, a saber, mais sobre o comercio e ser rápido na hora de passar troco dos clientes. E também oferecer minha mercadoria e valorizar o meu trabalho, porque ser agricultor é um serviço “pesado” mais vale a pena. Não tive condições de terminar os estudos, mas a vida me ensinou muita coisa (Feirante José).

No discurso acima observamos que o ambiente da feira além de propagar habilidades com o dinheiro e o conhecimento sobre comércio, fortalece valores como respeito e favorece a relação de convivência entre as pessoas que trabalham na feira. Ressaltamos ainda que nos depoimentos dos feirantes eles pontuam a importância da escola e o sentimento de perda por não terem tido a oportunidade de concluir a educação básica.

Continuando com os relatos do feirante José:

“aprendi também a pensar rápido na feira, porque a gente tem que ter “jogo de cintura” para atender muitas pessoas no mesmo tempo”. Não consigo ficar longe daqui é uma herança de família, vinha com meu pai de cavalo pra feira, tudo que eu sei sobre a feira aprendi com meu pai e aqui mesmo.

No relato apresentado acima percebemos como os sujeitos que fazem parte da feira demonstram um conhecimento alicerçado em experiências vividas em suas práticas cotidianas de trabalho. E ainda sobre esse assunto nos relata a feirante Maria “trabalhando na feira de Cascavel aprendi muitas coisas, a principal foi valorizar meu trabalho e ensinar para minha filha tudo o que eu sei”. É notável nas falas dos entrevistados que o saber da feira caminha junto com as histórias de vidas dos próprios feirantes, e isso colabora no fortalecimento afetivo entre feira e feirante.

Interrogamos os feirantes sobre qual a importância da feira livre de São Bento para a vida deles. Diante dessa pergunta, o feirante João baixou a cabeça e respondeu:

A feira não é só importante pra mim, mas pra muitas pessoas. Eu e minha família precisa muito da feira, graças à feira ganho meu dinheiro e vendo meus produtos. [...] a feira é fonte de renda. É trabalhando na feira todos os sábados que conquisto fregueses, converso com os companheiros de trabalho e mostro minha mercadoria, porque vendo o que é da nossa região (feirante João).

Notamos, na fala do feirante sua satisfação em trabalhar na feira livre e principalmente em valorizar suas mercadorias. Podemos destacar ainda neste relato que o ambiente da feira é fonte de renda para muitas famílias agricultoras da cidade de Cascavel – Ceará.

Ao perguntamos aos feirantes o que eles aprenderam trabalhando na feira, alguns responderam que entenderam o mundo do comércio, adquiram habilidades com os números para “passar o troco” dos fregueses com rapidez e a fazer amizades. Seguem os relatos dos feirantes Pedro e João:

Já trabalho na feira há muitos anos aprendi convivendo aqui todos os dias a comercializar, vender meus produtos e a ganhar dinheiro e perder dinheiro (risos). A feira de Cascavel todo dia tem gente diferente nunca é igual, a gente fica sabendo de todos os assuntos da cidade que se espalha na feira (feirante Pedro).

[...] não terminei meus estudos, acho que estudei até o primário, naquele tempo tudo era mais difícil. [...] na feira eu aprendi a vender, a ter amizades, a lidar com dinheiro no meio do povo. Eu acho que aprendi também na feira a tratar bem as pessoas, porque tem que ter educação no modo de falar e oferecer os produtos, apesar de não ter ido muito a escola eu não sou ignorante e ensinei isso para meus filhos que hoje já estão tudo casado e com filhos (feirante João).

De acordo com os relatos acima, percebemos que os feirantes aprenderam na feira a dinâmica do comércio informal e a valorização de seu espaço de trabalho. Vale ressaltar que, o feirante João expressa em sua fala que a escola fez falta em sua vida, porém na feira livre ele aprendeu saberes necessários para se relacionar com as pessoas no meio que está inserido e que utiliza esses saberes em suas práticas cotidianas. Notamos na fala dos sujeitos que eles definem educação como sendo modos de condutas e tratamento com as pessoas. Compreendemos que esta conceituação elaborada pelos feirantes se relaciona com suas práticas cotidianas em suas atividades.

Traremos a seguir uma discussão sobre as práticas educativas dos feirantes, foco relevante de nosso estudo.

3.2 Reconhecendo as práticas educativas entre feirantes

Quando pensamos em práticas educativas imaginamos de imediato uma sala de aula, porém, não estamos discutindo práticas educativas no espaço escolar e sim em outra ambiência no qual seus praticantes são feirantes. Por isso no decorrer deste item apresentamos um pouco sobre a relação entre feirantes e suas práticas educativas construídas em experiências vividas dentro do contexto da feira livre.

[...] as feiras inscrevem-se como espaços de mobilidades onde, por meio das diversificadas dinâmicas, ergue-se uma rede educativa, de sociabilidades e culturas, vivenciadas pelos sujeitos sociais no âmbito dos territórios construídos. Esses sujeitos evocam uma multiplicidade de educações, territorialidades e sociabilidades ao apropriarem-se material e simbolicamente dos espaços [...] (ALMEIDA, 2009, p.35).

A educação como discutimos anteriormente é um fenômeno social livre que se manifesta em todos os lugares e que as práticas sociais carregam ações educativas.

Percebemos que o olhar de Durkheim (2007) caracteriza a educação como sendo um ato de socialização do indivíduo na sociedade. Ele ainda elucida que:

A educação é uma coisa, ou, por outras palavras, um facto. Com efeito, em todas as sociedades há uma educação. De acordo com as tradições, os hábitos, as regras explícitas ou implícitas, num determinado enquadramento de instituições, com mecanismos próprios, sob a influência de ideias e de sentimentos colectivos [...] (DURKHEIM, 2007, p.20).

Identificamos que a educação é um fato social que se modifica de acordo com as influências das práticas sociais. Portanto, é algo inconstante e mutável. Já Brandão (2005, p.26) afirma também que a “educação aparece sempre que surgem formas sociais de condução e controle da aventura de ensinar e aprender”, então consideramos que o contexto da feira livre proporciona a produção de práticas educativas, com aspectos no modo de vida dos feirantes e isso resulta no exercício de viver e conviver uma condição que facilita o aprender (BRANDÃO, 2005).

Durante nossas visitas a feira livre de São Bento, percebemos que nas práticas dos feirantes, eles expressavam ações educativas, como o domínio das operações da matemática e nas habilidades de resolver problemas operacionais. Em relação a esse aspecto Almeida (2009) ratifica que:

A compra e a venda de alimentos podem estar carregadas de significados que ultrapassam a razão prática e o conhecimento de técnicas convencionais das operações matemáticas. Cotidianamente, são utilizados cálculos mentais, estratégias econômicas de cálculo escrito, instrumentos de medidas não-padronizados, conformando desse modo, uma dinâmica específica de fazer e entender a matemática no dia de feira, uma territorialidade peculiar dos sujeitos que a constroem (ALMEIDA, 2009, P. 52).

Além, dos conhecimentos sobre comércio e dos saberes referente à agricultura. Notamos que nossos protagonistas mesmo sem terem concluindo a educação básica demonstraram uma fluência relevante sobre os números. E isso confirma que as pessoas podem aprender em suas práticas cotidianas, e que de uma forma ou de outra elas estabelecem contato com a educação.

Assim, compreendemos o espaço da feira livre de São Bento como um local de saberes e conhecimento, pois tivemos o prazer de conversar e observar pessoas anônimas que mesmo sem a intenção faziam parte de uma teia de práticas educativas em ambientes livres. Portanto, o sentido da educação vai além de conhecimentos sistematizados ou informações

memorizadas. O significado do saber está em grupos de sujeitos, pessoas que enfrentam e discutem os desafios sociais.

A seguir apresentamos o relato de um feirante no qual ele expressa sua trajetória histórica com a feira de São Bento, além de manifestar o que aprendeu com seu pai que também era feirante, ou seja, um conhecimento que perpassa gerações.

[...] trabalho na feira de Cascavel a trinta e cinco anos, cresci os dentes frequentando a feira juntamente com meu pai, vendendo o que a nossa família produz no sítio rapadura e feijão. Gosto de ficar aqui aos sábados isso pra mim é um ritual, é também não deixar morrer o que o meu pai gostava de fazer e tudo que eu sei foi ele que me ensinou, a fazer rapadura a cuidar da cana de açúcar e até a negociar e conquistar fregueses. [...] me sinto feliz em trabalhar na feira, porque encontro amigos e conheço gente diferente e estou trabalhando no que eu sei fazer e aprendi. [...] tem coisas que eu sei que você não sabe e tem coisa que você sabe que eu não sei.

No depoimento acima observamos que a feira tem um papel importante na vida dos sujeitos que constroem este evento, e como as práticas educativas perpassam durante as relações sociais estabelecidas neste local.

O aprender transmitido de pais para filhos torna-se presente na fala do entrevistado e a satisfação do feirante em dizer o que aprendeu com seu familiar é motivo de contentamento. Assim, compreendemos que a educação tem diferentes formas de se manifestar na sociedade, portanto as práticas educativas não escolhem lugar, apenas acontece e causa de maneira direta ou indireta de transformação na vida das pessoas.

Figura 12- Feirante de rapaduras no barracão



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Continuando com os relatos:

[...] a feira me ensinou a ser educado com as pessoas, porque para atrair os clientes é preciso ter jeito de falar e chamar atenção deles, e ter um preço bom melhor do que a do vizinho. [...] É ficar sempre alegre e atender as pessoas com alegria e gentileza e assim no outro sábado o cliente volta. Ficar na feira pra mim é isso estar no meio do povo faça chuva, faça sol, e vender, conversar, tirar “prosas” com os amigos e no final da feira beber uma cachacinha para animar (risos) (feirante João).

Observamos na fala do entrevistado a importância da feira na vida dele e principalmente a relação de aprender e viver na arte da venda e sedução de clientes. Assim compreendemos os feirantes como portadores de experiências, valores e costumes construídos em suas atitudes cotidianas, além de caracterizarmos a educação da feira como sendo totalmente prática vivenciada e recíproca. E seus sujeitos construtores de discursos ativos de aprendizagem no espaço totalmente informal, mas de aspecto educativo.

De acordo com Aranha (2006):

A educação deve instrumentalizar o homem como um ser capaz de agir sobre o mundo e, ao mesmo tempo, compreender a ação exercida. A escola não é a transmissora de um saber acabado e definitivo, não devendo separar teoria e prática, educação e vida (ARANHA, 2006, p.52).

Tendo em vista esse pensamento, corroboramos com Brandão (2005, p.07) ao dizer que “para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com educação”. Assim, o espaço da feira traça diariamente um caminho entre a prática e a vida.

Vale destacar que os espaços informais também são oriundos de práticas educativas e exercem uma função relevante na construção de saberes. A educação informal caracteriza-se por não ser organizada e ter como base o aprendizado em vivências. Assim, o ambiente da feira livre de São Bento faz parte de um universo de saberes que é construído pelos sujeitos que se relacionam cotidianamente nesse espaço.

Concordamos com Brandão (2005, p.18) ao elucidar que os sujeitos “convivem uns com os outros possibilitando a fluidez dos saberes, pelos atos de quem sabe e faz para quem não sabe e aprende”. Destacamos a seguir o depoimento do feirante Pedro no qual expressa um pouco sobre sua relação com a feira. Salientamos que o depoente demonstrou a importância da feira livre de Cascavel para sua vida e história familiar.

Não sabia que a feira se chamava São Bento, porque todo mundo conhece essa feira como feira de Cascavel. Quando eu era pequeno meu pai dava outro nome a feira, não lembro mais. [...] chego à feira bem cedinho e inicio organizando minha mercadoria no barracão com minha esposa, ela e eu trabalhamos juntos e sou satisfeito em vender meus produtos aqui na feira, porque a gente vende e faz clientes de todos os lugares. A feira é importante, se um dia ela acabasse ia ficar difícil, mas Deus daria um jeito para sobreviver, né (Feirante Pedro).

Percebemos que durante nossas entrevistas os feirantes não conheciam a feira livre de Cascavel como feira livre de São Bento, alguns demonstraram espanto. Ou seja, às vezes os próprios habitantes desconhecem sua própria história e da cidade onde residem.

Para Silva (201, p.17) os frequentadores da feira participam de espetáculos de compra e venda de diferentes produtos mais utilizam um “arsenal próprio de saberes, estratégias, gestos, linguagens e uso da matemática”. Os sujeitos que fazem da feira sua “escola”, ao ar livre, mostram em suas rotinas diárias um leque de saberes que perpassam gerações e ficam na cultura e história da sociedade. Portanto, falar em práticas educativas dos feirantes é compreender o dinamismo entre feira e feirante uma relação de afetividade, disciplina, dependência e subsistência.

Ao perguntamos aos feirantes por que eles escolheram trabalhar na feira livre de São Bento alguns responderam que trabalhar na feira é uma coisa normal que vem dos pais e cresceram frequentando o espaço da feira livre, então tiveram influências familiares para tornarem-se feirantes, assim estão dando continuidade ao que seus pais gostavam de fazer e

outros afirmam que a falta de escolaridade proporcionou que ingressassem no universo da feira livre.

[...] estou trabalhando na feira de Cascavel há tanto tempo, meus pais “coitados” não tiveram condições de me dar estudos. E mesmo assim eles me deram uma educação de gente, onde posso entrar e sair de qualquer lugar. Meu pai e minha mãe me ensinaram o valor do trabalho suado na feira e na roça. [...] gosto desse lugar. Aqui posso conversar com todo mundo, além de oferecer meus produtos e ganhar meu dinheiro.

Observamos nesta fala que o sujeito relaciona a escolha do trabalho na feira com sua identidade familiar e deixa a dúvida que se tivesse tido a oportunidade de se escolarizar teria mudado os rumos de sua escolha profissional, porém destaca que o laço de afeto construído pelo espaço da feira livre simboliza uma herança sociocultural significativa.

A seguir destacamos outro relato:

[...] tudo que eu sei da feira aprendi com meu pai trabalhando aqui. Graças ao que aprendi com meu “velho” pude me virar na vida. [...] tenho orgulho de trabalhar na feira vendendo minha mercadoria e agradando o povo que compra. Aqui só é ruim quando ta fedendo ou chuvendo.

Neste depoimento o feirante pontuou a importância de seus aprendizados passados pelo seu pai, ao qual ele se refere chamando-o de “velho”, e expressou a satisfação em trabalhar na feira. Ainda caracteriza a qualidade para a sua mercadoria. É perceptível no ambiente da feira livre que boa parte das mercadorias disponíveis é para satisfazer e agradar seus compradores. Marx (1988) ressalta que a “mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa, a qual pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie”, diante deste, pensamento evidenciamos que as pessoas atraídas pela feira livre buscam mercadorias que possam suprir suas necessidades e que tenham um valor mínimo de acordo com seu capital familiar.

No próximo item apresentamos a feira como um contexto de aprendizagem e vivências de saberes.

3.3 Sempre temos algo a aprender: vivendo experiências de saberes na feira livre de São Bento

Somos sujeitos criadores de saberes e condutores de aprendizados. Ocupamos um espaço de evidência na sociedade, pois transformamos nossa realidade e buscamos formas diferentes de interagir e aprender com o meio. Portanto, o ser humano é responsável pelo

processo de aprender e reaprender dentro das práticas sociais. Assim, destacamos o contexto da feira livre de São Bento como sendo um ambiente de saberes em que seus sujeitos aprendem com suas vivências, e adquirem um conhecimento prático com fundamentação em suas histórias pessoais de vida.

As relações de produção e consumo, ensino-aprendizagem das quais as feiras populares são palco formatam um *lócus* genuinamente educativo, visto que se constituem em territórios consagrados às negociações, saberes, dizeres, encontros sociais e outras relações que delimitam um espaço repleto de ações e idéias (ALMEIDA, 2009, p. 26).

O estudo e a compreensão de saberes em diferentes ambientes são importantes na valorização e no reconhecimento de experiências significativas no campo investigativo educacional. Com base nisso, promovemos a discussão de saberes e práticas educativas dentro de uma grande “escola” ao ar livre, a feira de São Bento, e colocamos em pauta o aprender e o saber vividos e experimentados longe das instituições formais, além da arte do “saber tático” como uma maneira de construir conhecimento (CERTEAU, 1998).

As relações de produção e consumo, ensino-aprendizagem das quais as feiras populares são palco formatam um *lócus* genuinamente educativo, visto que se constituem em territórios consagrados às negociações, saberes, dizeres, encontros sociais e outras relações que delimitam um espaço repleto de ações e idéias (ALMEIDA, 2009, p. 33).

Corroborando com a citação acima, visualizamos também o ambiente da feira como um espaço de construção de saberes diários, a circulação de pessoas proporcionando o fortalecimento das relações sociais e culturais em um determinado local.

Os vínculos estabelecidos na feira livre promovem a criação de uma grande teia de dinamismo, cultura e diversidades de conhecimentos construídos pelos próprios sujeitos inseridos neste espaço. Podemos destacar também que o ambiente dos feirantes é um local de formação de identidade peculiar de seus frequentadores.

Podemos afirmar que a feira livre recebe características sociais e apresenta diferentes formas e estilos de vida e que o processo de convivência entre os sujeitos faz parte dessa comunidade. Segundo Bordieu (1989, p.144):

O espaço social e as diferenças que nele se desenham “espontaneamente” tendem a funcionar simbolicamente como espaços dos estilos de vida ou como conjunto de *stande*, isto é, de grupos caracterizados por estilos de vida diferentes (BORDIEU, 1989, p. 144).

Seguindo esse pensamento, ressaltamos que a feira livre é um espaço de sociabilidade que possibilita a reprodução social entre seus frequentadores e que simbolicamente cria códigos de convivência e vizinhança. Além de se configurar em um local de troca de saberes e conhecimentos, onde os feirantes têm a oportunidade de aprender e desenvolver habilidades sobre matemática e corporeidade. Desse modo, compreendemos também que a feira tem influências na melhoria de vida das pessoas, principalmente da comunidade rural, pois a renda familiar deste grupo na maioria das vezes depende da feira.

Complementando tal discussão ressaltamos Angulo (2003) que traz o seguinte argumento:

A feira é um espaço que tem influências na melhoria de vidas das pessoas, não só pela obtenção de uma renda familiar, mas pela apreensão das ideias e representações associadas à feira como espaço de socialização, carregada de narrativas e símbolos sociais. Ao mesmo tempo, este ambiente fornece informações no que diz respeito às condições de trabalho, organização e consumo, origem e destino dos produtos potenciais de comercialização, nível de satisfação e quais os outros segmentos sociais envolvidos no processo (feirantes, consumidores, organizações locais) (ANGULO 2003, p.97).

Percebemos que o mundo dos feirantes fornece inúmeras informações e que por isso as feiras ainda existem, porque elas são fortalecidas pelas representações sociais manifestadas cotidianamente neste ambiente.

Destacamos ainda que, a visão da feira não se resume apenas as atividades comerciais, assim, como o desenvolvimento urbano atinge as estruturas deste local, ela também se torna palco de construções de saberes produzidos pelos seus atores em suas práticas cotidianas.

Acreditamos que o processo de aprender e conhecer algo novo possibilita as pessoas a entenderem melhor o mundo no qual estão inseridas, tornando-se sujeitos formadores de opiniões sobre a sociedade. Portanto, dialogar com os feirantes na feira livre de São Bento nos proporcionou conhecermos sobre os diferentes tipos de saberes que todos os dias são construídos nesse local, e por vezes não reconhecidos.

Destacamos a seguir mais um depoimento:

Não tive muitos estudos mais acho que eu sei de alguma coisa sim, tudo que aprendi foi trabalhando duro, apesar de ter estudado até o primário consegui dar uma educação melhor para meus filhos, porque no meu tempo tudo era difícil, agora não, tudo tá mais fácil. [...] tiro da feira de Cascavel meu sustento e aqui aprendi a negociar, entender sobre comércio, a tratar bem o povo e ganhar meu dinheiro honestamente e conhecer meu direito como feirante e como cidadão.

Como podemos observar no relato anterior, o feirante apesar de sua pouca escolaridade demonstra em sua fala a conscientização de seus direitos e ainda ressalta a importância da feira para a sua sobrevivência. O depoente adquiriu conhecimentos básicos de como desenvolver seu trabalho na feira e que essas aprendizagens que possivelmente ele aprendeu em suas práticas cotidianas trouxessem contribuições necessárias para desenvolver suas atividades nesse espaço. Portanto, a feira simboliza mais que um local de caráter econômico, proporciona aos seus protagonistas saberes e aprendizados que são utilizados dentro da própria feira.

Na feira livre de São Bento assim como em outras feiras Nordestinas encontra-se histórias e memórias de sujeitos que se relacionam com esse espaço com afetividade. Enfim, é possível perceber que o ambiente do feirante não se resume apenas ao processo de compra e venda, mas, compreender a essência das relações sociais, culturais e educativas presentes nas práticas cotidianas desses sujeitos.

Silva (2011) descreve a feira da seguinte maneira:

Ela começa de mansinho, lentamente e de repente toma uma intensidade magnífica de sujeitos circulando. Carrinhos que se chocam, sacolas que se enroscam. Pessoas que pedem passagem: alguns com muita pressa outros sem pensar no tempo. Alguns solitários, outros acompanhados de uma grande família. Idosos, jovens e crianças, uma heterogeneidade de estilos de vida, das mais diferentes raças, das mais diferentes classes. Ricos ou pobres, isso não implica, o que implica é a alegria contagiante e a cortesia que, essa comunidade deposita sobre seus diversos fregueses. E assim, a feira livre assume diariamente seu papel na vida das cidades urbanas (SILVA, 2011, p.34).

Corroborando com a autora acima, observamos exatamente essa agitação que analisada de fora aparenta ser uma grande desorganização e acúmulo de pessoas em determinado local, porém percebemos disciplina, respeito e equilíbrio entre os feirantes.

Figura – 13: Barracas de verduras



Fonte: Acervo da pesquisadora

No meio de aglomeração e corre, corre encontramos sujeitos ativos nos estreitos corredores da feira construindo história e estabelecendo no ciclo da vida cotidiana uma “teia” de saberes, ou seja, a invenção do cotidiano na feira livre de São Bento ocorre cotidianamente (CERTEAU, 1998), essa arte de inventar a feira faz parte de um ciclo histórico que no decorrer dos tempos acontece e perpassa gerações.

O saber da feira se faz presente no processo de compra e venda de mercadorias, quando o conhecimento do agricultor sobre produtos agrícolas ou aspectos da natureza se relaciona com o saber do cliente oriundo da cidade, possibilitando a troca de aprendizados naturalmente utilizando apenas como ferramenta a oralidade.

Em entrevista com um feirante do barracão, um dos nossos primeiros sujeitos escolhido, faz o seguinte comentário sobre a feira:

[...] vinha pra feira de madrugada, bem cedo a cavalo carregando mercadoria, e um frio danado. E hoje ainda venho cedo, mas não a cavalo, agora tenho minha “lata veia” para transportar as coisas pra cá. [...] gosto da feira, ela faz parte da vida de todo mundo aqui, eu já estou acostumado com a feira, todos os sábados tenho que vir, faça chuva ou faça sol.

Consideramos importante destacar, diante deste relato, a necessidade de pensarmos a feira como sendo um evento tradicional alicerçado por atividades sociais. Além, de promover uma relação de intimidade e dependência com seus frequentadores. A feira possibilita aos seus sujeitos a melhorarem sua condição de vida, e conquistarem seus bens materiais.

Seguindo a reflexão sobre as práticas educativas na feira e analisando os depoimentos dos protagonistas da pesquisa, falaremos agora sobre suas narrativas.

3.4 Narrativas: aprendendo a valorizar as falas dos feirantes

[...] as narrativas orais não são apenas fontes de informações para o esclarecimento de problemas do passado, ou um recurso para preencher lacunas da documentação escrita. Aqui ganham relevância as vivências e as representações individuais. As experiências dos homens, constitutivas de suas trajetórias, são rememoradas, reconstruídas e registradas a partir do encontro de dois sujeitos: narrador e pesquisador. A história oral de vida constitui uma possibilidade de transmissão da experiência via narrativas (ARAÚJO, 2010, p. 332 apud FONSECA, 1997, p. 39).

Diante desta citação compreendemos que o caminho narrativo nos remete a um universo significativo, onde a fala torna-se o canal de aproximação da realidade do outro. Desse modo, as narrativas dos feirantes nos conduziram ao entendimento dos elementos que configuram as práticas cotidianas realizadas no espaço da feira livre.

Figura 14- Feirante de farinha e goma



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Quando registramos esta figura o feirante estava negociando com seu cliente o preço da mercadoria. Ficamos observando um pouco o diálogo dos dois, e percebemos que as redes de cordialidade, amizade e os códigos de linguagem utilizados por eles durante a negociação eram construídos em suas práticas cotidianas. Anotamos um pequeno trecho da negociação que apresentamos a seguir:

Quanto é a farinha? (cliente)
 É o preço da casa. (feirante)
 É boa? (cliente)
 Da melhor qualidade, pode levar sem medo. (feirante)
 “Dar” pra fazer um preço camarada, levando duas sacas de farinha e goma? (cliente)
 Hora se dar, agora mesmo cidadão. (feirante)
 Você que manda! (feirante)

Vale destacar nestas falas que o feirante busca agradar ao cliente, possibilitando um retorno dele novamente, com uma forma de tratamento amigável e familiar. A relação social estabelecida entre esses sujeitos mostra o fortalecimento de interação e ampliação dos valores construídos neste espaço.

As relações entre os componentes da feira, ou seja, dessa rede, envolvem múltiplos laços de realimentação através da interação entre as pessoas, do fortalecimento dos laços econômico-sociais de freguesia, de conhecimento, de trabalho e de recreação, moldando práticas e valores individuais, grupais e coletivos; conectando indivíduos e regiões; disponibilizando distintos saberes a serviço da coletividade; promovendo acordos de cooperação e ampliando estratégias de ação (ALMEIDA, 2009, p.39).

Desse modo, podemos ressaltar que os agentes participantes da feira livre promovem de forma direta ou indireta relações pautadas em saberes e redes de aprendizados. Por isso destacamos adiante as reflexões dos feirantes sobre a feira livre de São Bento, frisando suas inquietações, batalhas diárias vividas neste contexto.

Iniciaremos a seguir com o seguinte depoimento:

Trabalho na feira há 20 anos. Chego à feira de Cascavel às 4 horas da manhã de sábado para organizar minha mercadoria no barracão e fico até 11 horas. Vendo farinha, goma de mandioca e compro também. [...] essa feira pra mim é a melhor de ganhar dinheiro às vezes tem algumas crises, mas dá para levar. Vendo aqui em Cascavel e na feira de Pacajus no domingo, mas a feira do Cascavel é maior, tenho mais fregueses. Essa feira é fonte de renda para muitas famílias não tem como acabar ela vai durar pra sempre. [...] todos os feirantes se ajudam todo mundo se conhece. É uma grande família que se reúne na feira. Aprendi a ter boas amizades e ajudar ao próximo, mesmo sendo concorrente (risos) (Feirante José).

Na fala do feirante percebemos como em outras narrativas anteriores uma relação afetuosa com a feira e principalmente com as pessoas que fazem parte dela, portanto esse sentimento que os próprios protagonistas atribuem ao espaço da feira a torna tão particular, importante para a cultura local e atrativa. Destacamos ainda, que a comunidade feira fortalece os meios de convivência e solidariedade entre seus sujeitos.

A feira oferece uma diversidade de comunicação, pois, tratando-se de um espaço urbano associado ao mercado nela desenvolvido, também é um centro afetivo com ampla possibilidade de atrair as donas-de-casa e favorecer o encontro de amigos e demais concidadãos (SILVA, 2009, p. 22).

Corroborando com a citação acima compreendemos que a feira emerge uma corrente de tradições e hábitos de uma determinada população. O cenário urbano se cruza com o rural proporcionando o encontro de saberes. Percebemos que por meio das narrativas podemos registrar a voz dos feirantes, seus pensamentos e impressões sobre a realidade que os rodeiam. E assim, compreender por meio de suas falas seus aprendizados, valorizando-os.

Construir um conhecimento partindo das narrativas dos feirantes nos proporcionou entender a feira livre através do olhar desses sujeitos. A seguir apresentamos outros depoimentos:

[...] a feira de Cascavel é um espaço que faz parte da minha vida, toda minha família já trabalhou aqui. Meu pai trazia eu e meus irmãos pra cá para ajudar na feira. Então eu conheço muito bem isso aqui. Já fiz muitas amizades e aprendi muita coisa. (Feirante Pedro)

Na feira tem de tudo, produtos de qualidade e com melhor preço. Aqui a pessoa faz a festa, principalmente muié [...] (Feirante José)

Aprendi trabalhando aqui na feira a ser mais educado com as pessoas, porque se não a gente perde a clientela. O feirante tem que ter bom humor e ser alegre (terminou sorrindo). (Feirante José)

[...] o trabalho na feira exige muita força, paciência e conhecimento sobre os melhores produtos oferecidos. O pouco que eu sei me ajuda a se “vira” na feira. Não fui a escola mais aprendi outras coisas na vida que é útil (risos). (Feirante João)

Há minha fia, a feira é bom demais, tem gente de todo canto de Cascavel e de outros lugares também, cresci os dentes frequentando a feira, já vivi muita coisa aqui. (Feirante João)

Observemos nestas falas que a feira livre agrega valores educacionais voltados para um conhecimento prático no qual o feirante assimila no decorrer de suas ações cotidianas, ou seja, uma bagagem de saberes adquiridos em suas práticas sociais. É importante mencionar que a feira aglomera interações sociais que a tornam um espaço de valor para seus sujeitos. E

os conhecimentos produzidos dentro desse espaço proporcionam a criação de estratégias de sociabilidade, como ressaltamos no decorrer do trabalho.

Em relação ao conhecimento Burke (2003) estabelece uma distinção entre dois tipos de conhecimentos no qual ele afirma que:

A distinção entre conhecimento “liberal” e conhecimento “útil” era antiga e continuava a ser feita no início do período moderno, embora a avaliação relativa dos dois tipos de conhecimento começasse a ser revertida, pelo menos em alguns círculos. O conhecimento “liberal”, como o dos clássicos gregos e latinos, tinha status elevado em 1450 e mesmo em 1550, enquanto o conhecimento meramente “útil”, do comércio, por exemplo, ou de processos de produção, tinha menor status, exatamente como os mercadores e artesãos que o detinham (BURKE, 2003, p.80).

Destacamos que entre essa diferenciação realizada pelo autor sobre conhecimentos, pontuamos o “conhecimento útil”, que predomina entre os feirantes que se manifesta em suas práticas cotidianas, pois eles aplicam o saber prático e vinculam com suas atividades exercidas na feira livre. E validamos esse tipo de conhecimento como sendo provedor de suas práticas educativas, evidenciamos também que através da oralidade dos feirantes notamos a expressividade de seus saberes e aprendizados. Portanto, julgamos importante trazermos a ótica dos feirantes sobre sua realidade e para isso continuaremos apresentando suas falas como base de entendimento da feira livre.

3.5 Olhares sobre a feira livre de São Bento: sujeitos e a história oral

A leitura de mundo revela, evidentemente, a inteligência do mundo que vem cultural e socialmente se constituindo. Revela também o trabalho individualmente de cada sujeito no próprio processo de assimilação da inteligência do mundo (FREIRE, 1996, p. 46).

No nosso entendimento, a reflexão apresentada na citação acima desencadeia uma discussão na qual apresenta uma particularidade entre a visão de mundo de cada sujeito, portanto ocorrem às releituras de mundo, cada indivíduo faz sua própria leitura de sua realidade. Nesse sentido, os feirantes demonstram uma visão da feira livre alicerçada em suas experiências e práticas sociais.

Os discursos dos feirantes permitiram que pudéssemos compreender um pouco da história deles com a feira livre de São Bento. Por meio da oralidade entendemos o significado da feira livre para a identidade cultural e histórica de nossos protagonistas.

Para De Sordi, GunterAxt e Fonseca (2007, p. 07) através da história oral podemos compreender como os sujeitos “experimentam e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de grupo ou da sociedade em geral”⁵. Diante disso, destacamos que os feirantes fazem uma leitura da feira, de forma subjetiva, expressando em sua fala aspectos importantes na história de vida deles. Então procuramos destacar como centro de análise o olhar e a versão das experiências desses indivíduos envolvidos no processo de praticas educativas e construções de saberes na feira livre de São Bento.

A história oral desenvolveu-se inicialmente como uma estratégia para dar voz àqueles personagens sociais que não tinham voz para a memória coletiva. Foi assim que, no pós-guerra, os historiadores começaram cada vez mais a entrevistar pessoas simples, pessoas do povo, pessoas que não eram lembradas pelos livros e pelos espaços públicos de memória, mas que tinham algo a dizer sobre sua visão de mundo, suas experiências de vida, sua percepção da realidade. Isto porque este algo a dizer falava-nos sobre usos e costumes, sobre experiências não registradas em páginas e documentos, sobre afetos e sentimentos que, de alguma forma, adquiriam universalidade e passavam a ter importância não mais apenas para aquele indivíduo isolado, mas para segmentos expressivos da sociedade (DE SORDI; GUNTER AXT; FONSECA, 2007, p. 09).

Portanto, acreditamos que a oportunidade de ouvir os feirantes nos trouxe a compreensão de uma feira livre além do processo de compra e venda como já havíamos ressaltado. Através da oralidade dos feirantes conhecemos e reconhecemos a feira com a visão deles, e tivemos a possibilidade de perceber o seu mundo como um universo construtivo de valores e saberes. Citamos também que a feira representa um ambiente de aprendizado em que a educação se apresenta de forma “viva” e autêntica na sociedade.

Destacamos ainda que os feirantes guardam na memória saberes que aprenderam com os pais na infância quando freqüentavam a feira para trabalhar, e ajudarem no sustento da família. E boa parte do que aprenderam buscam compartilhar uns com os outros, direta ou indiretamente no decorrer das práticas cotidianas na feira.

[...] sempre trago meu filho pra feira no sábado e mostro pra ele como vender e negociar com o freguês. Acho que é bom ele aprender, quem sabe um dia ele fique aqui também, mais isso só depende dele.

Percebe-se na fala acima que os ensinamentos da feira são transmitidos de forma prática e vivenciados entre as famílias dos feirantes. Salientamos que durante nossas entrevistas e observações destacamos que os protagonistas responsáveis pelo evento da feira atuam de forma ativa no espaço contribuindo para propagação das práticas sociais.

⁵Manual de Procedimentos do Programa de História Oral da Justiça Federal

Portanto, a feira livre envolve uma dimensão produtiva da ação do homem no espaço.

A feira nordestina não é um simples local de compra e venda de mercadorias; mas do que isto é o local privilegiado onde se desenvolvem uma série de relações sociais. É um fenômeno muito importante na vida econômica e social do Nordeste brasileiro (TRIVISAN, 2008, p. 49 *apud* PAZERRA, 1987, p. 65).

Entendemos, dialogando com os feirantes, que a feira livre apresenta distintos conhecimentos compartilhados entre seus pares. E que as práticas cotidianas na feira propiciam a criação de saberes e aprendizados conduzidos por experiências com a realidade.

Apresentamos a seguir mais alguns depoimentos:

Aqui vendo quase toda minha mercadoria, quando a feria ta fraca aí é ruim demais, mais quando ela ta boa, é festa, dar pra apurar um dinheirinho bom. (Feirante Maria)

[...] o pior dia da feira é no final do mês, a renda fica muito baixa. O povo fica “liso” sem dinheiro, pra gastar. (Feirante José)

Diante desse trecho frisamos a função social que a feira desempenha na cidade que ela se concentra, pois toda a movimentação econômica e social passa por esse espaço, e tudo que afeta a feira atinge as pessoas.

Assim, em meio a mercadorias e fregueses os feirantes conversavam e expressam seus olhares sobre a feira. Eles buscavam atender nossas perguntas com gentileza e tentavam resgatar de suas memórias fatos passados importantes que vivenciaram no ambiente da feira livre de São Bento.

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1990 p. 366).

Concordamos com a citação acima, pois a memória possibilita armazenamos informações importantes sobre nossa história ou acontecimentos relevantes dos quais fizemos parte. Podemos por intercâmbio da oralidade dos feirantes obtermos dados ou informações relevantes sobre a feira. Por isso, ressaltamos a história oral como sendo uma forma importante de extrair depoimentos significativos que proporcionam ao pesquisador conhecer uma realidade de qual ele não fez parte.

O que interessa num depoimento oral não é a precisão dos fatos ou a narrativa verdadeira dos eventos, mas a representação que o indivíduo fez desses eventos, a

afetividade do indivíduo na sua relação com o entorno social, opiniões, suas impressões, suas vivências. Pois justamente entende-se que, ao contar sua história pessoal, o indivíduo pode estar contribuindo para contar a história de uma instituição, de uma comunidade, de uma época ((DE SORDI; GUNTER AXT; FONSECA, 2007, p. 09).

Comungamos com a citação apresentada, pois visualizamos as impressões e as vivências de nossos protagonistas como importantes para a compreensão das práticas cotidianas na feira livre e de sua realidade. Reportamos ainda as ideias de Thompson (1992, p. 42) que ressalta que “a história oral é uma história construída em torno de pessoas” e que ela possibilita “as pessoas comuns a confiarem em suas próprias falas”. Desse modo, buscamos valorizar a voz dos feirantes, e assim esta pesquisa seguiu, ouvindo e reforçando a ideia que o outro sempre tem algo a dizer sobre sua rica realidade.

A história oral nos favoreceu a possibilidade de mergulhar nas lembranças dos sujeitos, e refletirmos sobre suas experiências. Além, de conduzir por meio do discurso dos feirantes uma reconstrução da relação entre feirante e feira. Em suma, salientamos que as narrativas dos sujeitos enriqueceram nossa pesquisa e contribuiram no entendimento das práticas educativas na feira livre de São Bento. Além de demonstrarem durante as entrevistas um valor afetivo com a feira. Traremos a seguir uma discussão sobre esse assunto.

3.6 O papel afetivo da feira livre de São Bento

Observamos na fala de nossos entrevistados que eles valorizam a feira de uma forma afetiva, e percebemos isso na transmissão de suas narrativas a importância que ela representa para a história deles. A manifestação de valores dos sujeitos em relação ao ambiente da feira possibilitou compreendermos esse evento social, além do aspecto econômico. Podemos constatar isso na seguinte narração:

[...] Quando eu não trabalhava na feira, eu ficava apenas em casa cuidando da casa e dos filhos, agora venho trabalhar junto com minha filha e vivo melhor, porque agora vejo gente, tenho o meu dinheiro, posso comprar minhas coisinhas, vendo o meu feijão, farinha [...] tem gente que não gosta da feira fala mal das pessoas, ficam só reclamando de tudo, mas esse tipo de gente não sabe o que é bom, e cada um tem seu gosto e vai para onde quer. Na feira de Cascavel passa gente de todo jeito então ficar aqui é ponto de encontro, prosas e amizades.

Durante todas as falas dos entrevistados observamos que eles ressaltaram a feira para além de um ambiente de trabalho, expressando em suas palavras sentimentos pelas suas ações cotidianas realizadas nesse espaço. De alguma forma as práticas diárias dos feirantes

representavam e reafirmam que eles estão inseridos em uma “comunidade de aprendizado” (WENGER, 1998) e um espaço fortalecido por relações afetivas pelos os sujeitos que fazem a feira acontecer cotidianamente.

[...] ao pensarmos na feira livre, não deveríamos olhá-la somente sob a perspectiva do movimento mecânico do fazer a feira em prol da sociedade, mas valorizar a vivência do feirante e o seu afeto com o que faz cotidianamente. Compreendendo esses aspectos como fundamentais na constituição do conhecimento e na interação possível de aprendizagem (SILVA, 2011, p. 14).

Assim, a relação de intimidade construída pelos feirantes e a feira estabelecem um caminho de possibilidades de construção de saberes, aprendizados e valores.

Portanto, o ambiente festivo da feira carrega um valor afetivo intrínseco que faz parte da identidade de seus frequentadores. A seguir apresentamos algumas narrativas nesse sentido:

[...] gosto da feira como se fosse minha segunda casa, aqui encontro amigos tiro “prosas”, e vendo meus produtos se divertindo. (Feirante Maria)

Eu acho bom tá aqui todos os sábados. [...] a feira é bom demais faz parte da nossa história. (Feirante José)

[...] trabalhar na feira de Cascavel é melhor do que ficar em casa. Eu me sinto bem tá no barracão e vendo esse povo todo. (Feirante Maria)

Notamos no discurso acima, que os feirantes expressam seus sentimentos e destacam o significado que a feira representa nas suas vidas. Portanto, os próprios sujeitos constroem valores que perpassam situações, além do processo de compra e venda de produtos.

Também foi perceptível em algumas falas dos feirantes que a feira livre de São Bento é ponto de encontro e discussões sobre diversos assuntos, como futebol, política, novelas, modas, festas, religião e fofocas sobre a vida de alguns moradores.

Compreendemos que o espaço da feira propicia o ato de encontro entre os diferentes tipos de pessoas, por isso possibilita a integração entre saberes e aprendizados, tornando-se um ambiente rico e educativo.

A seguir apresentamos, em nosso último capítulo, a discussão sobre o aprender vivido dos feirantes, e de que forma as experiências cotidianas desses sujeitos edificam seus saberes.

4 A FEIRA LIVRE DE SÃO BENTO: O APRENDER VIVIDO COTIDIANAMENTE

O dia da feira é (...) o dia de pôr as conversas em dia, de discutir política, de comprar, de vender, enfim é o dia de movimentação na cidade. (MIRANDA, 2009, p. apud MARIA, 2006, p. 9).

No decorrer de nosso trabalho discutimos as práticas educativas dos feirantes e debatemos os saberes produzidos por eles em suas práticas cotidianas. Compreendemos que a educação ocorre em diferentes grupos sociais e ambiências. Portanto, neste último capítulo dissertamos sobre o aprender do feirante em suas experiências cotidianas na feira livre, e refletimos também a partir de que forma se constroem as práticas e os saberes entre os feirantes.

4.1 O aprender na feira livre de São Bento: é possível?

Quando falamos em aprendizagem destacamos normalmente a escola, pois visualizamos a instituição formal como sendo detentora do aprender. No entanto, compartilhamos da ideia de que as pessoas aprendem em todos os ambientes, em suas vivências e práticas cotidianas. “O mundo é uma escola”⁶ no qual estamos sujeitos a aprender de diversas maneiras e descobrimos saberes e conhecimentos novos e renovados que brotam de nossas relações sociais.

Wenger (2001) enfatiza que:

Para muchos de nosotros, el concepto de «aprendizaje» evoca inmediatamente imágenes de aulas, sesiones de inslrucción, profesores, libros de texto, deberes y ejercicios. Sin embargo, en nuestra experiencia, aprender es una parte íntegral de nuestra vida cotidiana (WENGER, 2001,p.29).

Portanto, o aprender é um processo que faz parte da vida das pessoas e que as práticas cotidianas são ferramentas que impulsionam práticas educativas. Assim, “misturamos todos os dias nossa vida com educação” (BRANDÃO, 2005). Diante disso, quando nos questionamos se seria possível aprender na feira livre, percebemos que os sujeitos que fazem parte desse espaço poderiam responder essa inquietação com propriedade; pois pelos seus depoimentos dos feirantes compreendemos que a feira livre de São Bento é uma “sala de aprendizagem ao ar livre” que proporciona o conhecimento da vivência e da prática cotidiana.

⁶ Frase retirada da música “Gentileza” da cantora Marisa Monte.

Por isso, o aprender faz parte de nossa vida diária já que fazemos parte de uma comunidade de aprendizado (WENGER, 2001).

A este respeito temos o pensamento de Brandão (2005), que expressa o sentido da educação de forma livre ocorrendo à relação de aprendizagem entre homem e sociedade, portanto, podemos discutir que os grupos sociais são construtores de aprendizados. Desse modo, a feira livre propaga processos de aprendizagens entre as relações estabelecidas pelos seus atores durante as atividades desenvolvidas cotidianamente na feira.

Comungamos com Durkheim (2007) ao ressaltar ainda que a educação é um fator social. Sendo assim, as práticas educativas se transformam de acordo com a sociedade vigente.

Verificamos na feira o aprender que é característico de práticas cotidianas dos feirantes e resultante de histórias de vidas e relações sociais diversas. As falas dos sujeitos expressam as dificuldades que enfrentaram na vida e a satisfação de fazer parte da feira além, de narrarem, de forma espontânea, seus conhecimentos.

Aprendi a comercializar, a respeitar os outros, porque se eu quero ser respeitado tenho que respeitar. (Feirante Pedro)

Quando a gente passa a trabalhar na feira de Cascavel querendo ou não aprendi alguma coisa. Eu acho que aprendi muita coisa, como lidar com o dinheiro, passar rapidamente o troco, atender os fregueses e oferecer o melhor preço. [...] ser educado. (Feirante José)

Identificamos nestas falas que “ser educado” na visão do feirante é tratar os fregueses com gentileza e simpatia, fato que se destaca nas entrevistas. Destacamos também que os aprendizados adquiridos em suas vivências são totalmente práticos e úteis para o estilo de vida deles. Portanto, o saber do feirante é relacionando diretamente com sua realidade e aplicado nela cotidianamente.

Alguns, durante as entrevistas pontuaram a importância dos estudos na vida das pessoas, principalmente para o agricultor que deixa de frequentar a escola para trabalhar na roça e ajudar a sua família. A seguir destacamos outro depoimento no qual podemos verificar essa ocorrência:

Comecei a trabalhar quando ainda estava nascendo os dentes na roça (risos). Tinha que ajudar meu pai ou se não passava necessidades. Eu vinha trabalhar na feira junto com meu pai e meus irmãos, a gente acordava de madrugada para chegar aqui bem cedo. Meu pai não tinha condições de pagar nossos estudos, então o jeito era trabalhar e ajudar em casa. Mas foi trabalhando na feira vendendo minhas mercadorias que consigo manter minha família e dei para meus filhos a

oportunidade de ir à escola e ser alguém na vida. [...] tenho ali do lado, um filho que também trabalha na feira, ele tem uma barraca, é logo ali.

A partir deste relato pudemos perceber que muitos feirantes iniciaram suas experiências com a feira livre em sua infância e que as questões sociais que levaram esses sujeitos a entrarem no mercado de trabalho quando criança se relaciona com as necessidades familiares de sustento.

Percebe-se na fala que o entrevistado reconhece a importância da feira na formação educacional, porém o mesmo destaca que apesar de aprenderem na feira sentiram falta de frequentar o espaço escolar. Notamos também como o vínculo com a feira tem caráter de herança familiar e se faz presente na vida desses agricultores. Vale lembrar que o trabalho na roça simboliza a conquista do pão de cada dia para essas pessoas, portanto, feira e agricultores estão intimamente relacionados na corrente da existência.

Figura- 15: Feirante de farinha e feijão.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura- 16: Feirante atendendo fregueses no mercado.



Fonte: Acervo da pesquisadora

As figuras representam um pouco da realidade dos feirantes, onde eles interagem e aprendem em suas práticas a construírem seus saberes. Partindo dessa perspectiva, é conveniente perguntamos o que esses sujeitos aprendem nesse espaço, por isso destacamos no item a seguir essa discussão.

4.1.1 O que aprender na feira livre?

Para compreendermos o que se aprende na feira livre de São Bento trazemos as reflexões dos próprios feirantes as quais mostraremos a seguir na fala de um entrevistado que narrou de maneira particular e simples, o que aprendeu na feira.

Eu nunca parei para pensar sobre isso, mas acho que eu aprendi a fazer amizades, respeitar os companheiros de trabalho até mesmo os fiscais da prefeitura (risos). [...] Trabalho na feira de Cascavel há muito tempo, aqui se aprendi e conheci de tudo um pouco, mais o que aprendi mesmo foi vender e chamar atenção dos fregueses e a identificar o melhor produto.

No depoimento acima notamos que a feira além de cultivar valores como respeito, um dos mais citados pelos entrevistados, prevalece o fortalecimento do conhecimento sobre o comércio e de habilidades com o dinheiro.

Podemos argumentar que a feira é uma “comunidade de aprendizados” como já havíamos citado antes, porque ela tem a capacidade de fortalecer a identidade de seus sujeitos por meio de interações (WENGER, 2001).

[...] el aprendizaje supone una interacción entre experiencia y competencia, En las comunidades de práctica, la definición de competencia y la producción de experiencia mantienen una estrecha interacción. Por lo tanto, el compromiso mutuo en una práctica compartida puede ser un proceso intrincado de ajuste constante entre experiencia y competencia. Como este proceso es bidireccional, las comunidades de práctica no sólo son un contexto para el aprendizaje de los principiantes, sino también, y por las mismas razones, un contexto para transformar nuevas visiones en conocimiento (WENGER, 2001, p. 260).

Verificamos a partir desta citação que as comunidades promovem uma interação e produção de experiências que acarretam aprendizagens que podem modificar a identidade dos sujeitos e apresentar novas formas de conhecimento. Este mesmo autor salienta ainda, que as comunidades de práticas não são somente um contexto para a experiência de seus participantes, mas também um espaço para a visão de novos conhecimentos, criados mutuamente, portanto acreditamos que na feira estamos diretamente aprendendo, de uma forma ou de outra.

Continuando a conversa com o feirante ele ainda afirma que “a feira tem muita importância para todas as pessoas que precisam dela para ganhar seu sustento, principalmente os que não têm outra renda”. Assim, respaldamos mais uma vez a relevância da feira para a sobrevivência de muitas famílias, principalmente para o agricultor que vê no espaço da feira um meio de vender seu “suor” e valorizar seus produtos, além de disputar espaço com os grandes comércios ao redor da feira.

[...] as feiras se caracterizam por serem uma forma de realização da produção agrícola regional, um “ponto de encontro entre o meio rural e urbano e coexistem lado a lado dos pequenos e médios estabelecimentos comerciais” (MIRANDA, 2009, p. 53 *apud* ANDRADE, 1997, p. 127).

Podemos dizer ainda que as práticas educativas dos feirantes são fortalecidas através das relações sociais construídas no espaço da feira livre cotidianamente. Portanto, a leitura de mundo feita pelo feirante é totalmente alicerçada em fatos da sua história de vida, de suas experiências, e de sua dependência com o espaço no qual trabalha e aprende.

Percebemos que o aprender na feira acontece nas relações entre feirantes e fregueses, além, do dialogo entre as pessoas, dos encontros marcados, das rodas de conversas, dos risos e negociações.

Figura- 17: Início da feira livre



Fonte: Acervo da pesquisadora

Em nossas andanças pela feira, no sábado às 6 horas da manhã, registramos essa imagem. Percebemos que devido o horário ainda tem pouca movimentação, porém no decorrer do dia, há grande fluxos de pessoas correndo para todos os lados com sacolas e mais sacolas, tráfego de veículos, carros pau de arara caracterizando uma cena típica desta realidade.

Identificamos que o acontecimento da feira mobiliza a cidade causando uma frenética ocorrência de práticas cotidianas que desenvolve a “arte de fazer” entre os feirantes (CERTEAU, 1994).

Trazemos a seguir os registros que fizemos em nossas observações sobre a feira livre de São Bento.

4.2 Observações e registros: interpretações e reinterpretções da feira livre

Neste item reproduziremos nossas escutas da feira, destacando uma interpretação do que ouvimos, observamos e vivenciamos durante as visitas semanais a esse espaço, dando ênfase as práticas educativas.

Em nossas incursões a feira, tivemos que olhar este cenário como pesquisador e não como frequentador, uma vez que nossas visitas tinham como objetivo registrar as impressões e observações sobre a feira, além de analisar o desenvolvimento das práticas cotidianas dos feirantes.

Ao caminhar pelos corredores da feira livre de São Bento, identificamos que os feirantes criam uma “literatura” de formas para chamar atenção dos clientes e recorrem de todas as maneiras para conquistarem e venderem seus produtos. Observamos que a oralidade juntamente com os movimentos corporais são as ferramentas principais que os feirantes se apropriam para realizarem suas práticas comerciais.

Percebemos que o sujeito que faz a feira livre acontecer demonstra todo um cuidado e respeito em recepcionar seus fregueses, pois a receptividade também compõe as práticas cotidianas na feira. Sendo que neste espaço a facilidade de estabelecer relações de interação entre as pessoas torna-se uma prática social constante.

Continuando com nossas observações destacamos que durante os sábados a feira livre aumenta visivelmente seu número de frequentadores, proporcionando uma aglomeração de pessoas e uma modificação no centro da cidade. Concordamos com Miranda (2009, p.45) que ratifica “o local da feira como sendo um espaço escolhido para as mais diversas atividades da vida social”, ressaltamos ainda que a feira estabelece uma ligação entre a modernidade e o passado.

Evidenciamos que a feira proporciona um intercâmbio entre as práticas sociais e as aprendizagens por meio das práticas táticas. Para Certeau (1998, p. 47) muitas “práticas cotidianas como falar, ler circular, fazer compras ou preparar alguma refeição são exemplos dos processos táticos”. Desse modo, destacamos que o saber da feira percorre esses aprendizados desenvolvidos por meio das ações táticas, uma vez que pudemos observar isso na fala e nos gestos dos feirantes.

Verificamos a partir das observações que invisivelmente existe uma organização disciplinar na feira livre, pois cada feirante tem obrigação de respeitar o espaço do outro. Assim, ninguém ocupa o lugar dos colegas, estabelecendo um limite de território. Ressaltamos ainda que muitos feirantes e fregueses contribuem para a sujeira e poluição da feira causando problemas de higiene no evento.

Dissertamos a seguir sobre a construção de conhecimentos dos feirantes.

4.3 Sujeitos construtores de conhecimento

O conhecimento que circula na feira livre de São Bento estar vinculado com histórias de vidas e experiências particulares de cada sujeito que faz parte desse espaço. Portanto, refletir sobre o conhecimento da feira é percebermos o feirante como principal agente construtor de saberes.

Comungamos com as ideias de Silva (2011) ao introduzir que no cotidiano dos feirantes eles podem “desenvolver estratégias pessoais para a resolução de situações-problemas, por meio de mecanismos não-formais como o cálculo mental, os arredondamentos e estimativas”. Diante dessa ratificação consideramos que esse tipo de saber não sistematizado merece ser validado e reconhecido como práticas educativas.

Destacamos também que nossos sujeitos apesar de não terem concluído a educação básica demonstram o conhecimento necessário sobre matemática, suas habilidades com os números é algo notável na rotina da feira. Construíram uma forma particular de manusear o dinheiro, de maneira rápida e cautelosa.

Segundo Burke (2003) o conhecimento pode ser caracterizado em “cru” e “cozido”, assim, para ele a informação se refere a “cru” e o conhecimento algo processado e sistematizado, portanto seria o “cozido”. Relacionando com o tipo de conhecimento produzido pelos feirantes denominamos como sendo totalmente prático e que eles aprendem reciprocamente no cotidiano.

Consideramos ainda que a construção do conhecimento dos feirantes seja recíproca e que isso facilita a transmissão de saberes entre os sujeitos dessa comunidade. Verificamos também durante nossas entrevistas e incursões na feira que realmente a linguagem é um mecanismo de conhecimento do que se apropriam para chamar atenção de seus clientes. Lembramos também que suas práticas cotidianas (vender, comprar, brincadeiras, discursos, gestos corporais e promoções) estão atreladas a “arte de dizer” e de inventar o cotidiano de forma a estabelecer práticas (CERTEAU, 1990).

Observamos que os feirantes constroem juntamente com seus pares, formas de interação social que proporcionam o reconhecimento de valores (respeito, solidariedade, afeto) aos quais já fizemos alusão anteriormente. Além disso, denominamos as práticas cotidianas nesse espaço de “pedagogia” da feira livre, pois a dinâmica que criam para realizarem a troca de saberes entre eles contribuem para a produção de práticas educativas. Neste sentido abordaremos a seguir sobre este assunto.

4.4 A “pedagogia” da feira livre: circuito de práticas educativas em ambientes não formais

A sociedade em que estamos inseridos faz parte de um universo “pedagógico”, no qual as pessoas criam e recriam formas de aprender e ensinar para as gerações jovens os hábitos, os costumes e a cultura (LIBÂNEO, 2001), preservando, assim seus saberes e sua história.

A feira enquanto ambiente social proporciona um circuito de práticas educativas que surgem das relações cotidianas estabelecidas pelos feirantes que atuam efetivamente na interação com o meio no qual está inserido. Portanto, a “pedagogia” da feira se desenvolve durante as práticas cotidianas dos feirantes, e no decorrer da construção de saberes e conhecimentos vivenciados pelos sujeitos. Almeida (2009, p.26) ratifica o ambiente da feira livre como “espaços mediadores de saberes e conhecimentos, no qual contribui para uma teoria da relação com o saber, através de uma abordagem que considere os sujeitos e sua interação com seus pares”.

É fundamental entendemos que as práticas educativas são oriundas do meio social, e que a educação é um fenômeno que acontece em todos os lugares. Diante disso, Aranha (1990, p.51) afirma que “a educação não pode ser compreendida fora de um contexto histórico- social concreto, sendo a prática social o ponto de partida e o ponto de chegada da ação pedagógica”.

Conforme Libâneo (2001):

Pedagogia é, então, o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação – do ato educativo, da prática educativa como componente integrante da atividade humana, como fato da vida social, inerente ao conjunto dos processos sociais. Não há sociedade sem práticas educativas. Pedagogia diz respeito a uma reflexão sistemática sobre o fenômeno educativo, sobre as práticas educativas, para poder ser uma instância orientadora do trabalho educativo. Ou seja, ela não se refere apenas às práticas escolares, mas a um imenso conjunto de outras práticas. O campo do educativo é bastante vasto, uma vez que a educação ocorre em muitos lugares e sob variadas modalidades: na família, no trabalho, na rua, na fábrica, nos meios de comunicação, na política, na escola. De modo que não podemos reduzir a educação ao ensino e nem a Pedagogia aos métodos de ensino. Por consequência, se há uma diversidade de práticas educativas, há também várias pedagogias: a pedagogia familiar, a pedagogia sindical, a pedagogia dos meios de comunicação etc., além, é claro, da pedagogia escolar (LIBÂNEO, 2001, p. 06-07).

Diante do que foi exposto acima se torna evidente que as práticas educativas estejam em comunhão com as ações sociais realizadas pelas pessoas, e que diante dessas diversas práticas surgem saberes. Vale ressaltar também que o sentido da palavra “pedagogia” se expande juntamente com as inúmeras funções da educação na sociedade.

Durkheim (2007) elucida que a educação é uma ação totalmente social, portanto em toda sociedade há uma educação. Corroborando com esse pensamento Libâneo (2001, p.03) frisa também que “a educação é uma prática humana, uma prática social que modifica as pessoas nos aspectos físicos, mentais, espirituais e culturais”.

Ressaltamos dessa forma que os ambientes não formais proporcionam o diálogo entres os saberes construídos pelos sujeitos em interação com a realidade deles, assim, percebemos que os feirantes aprendem no processo de envolvimento com as práticas sociais realizadas por eles dentro da feira livre.

Convém destacar que nos ambientes não escolares emergem processos de aprendizagem e troca de saberes, sendo que as experiências e as relações sociais criam possibilidades para o sujeito conhecer melhor o mundo que o rodeia.

Visualizamos a feira livre como um espaço de práticas educativas e percebemos o conceito de educação se ampliando na sociedade. Afirmamos que a população constrói saberes e aprendem em comunhão uns com os outros. Portanto, a educação informal surge das vivências e experiências das pessoas em suas relações sociais estabelecendo conhecimentos de mundo que ajuda o sujeito a entender sua realidade.

[...] as feiras livres se inscrevem ergue-se uma rede educativa não formal, uma dinâmica que não está somente na atividade de vender produtos ou de seduzir fregueses [...] há algo a mais, que o capitalismo não conseguiu ao longo de sua soberania derrubar, as relações sociais pautadas em cordialidade, respeito, olho no olho e atenção para com os fregueses, tratando-se de um costume do feirante (SILVA e RÓDRIGUES, 2011, p. 01).

Corroborando com a citação acima, visualizamos as práticas cotidianas dos feirantes como sendo representações das relações sociais e também práticas educativas que se edificam em suas trocas de saberes, portanto a realidade de nossos protagonistas compõe os saberes que estão por trás de todos os elementos que fazem parte da feira.

A seguir apresentamos um pouco a feira livre como sendo um espaço informal de práticas educativas.

4.4.1 Educação informal e feira livre: possibilidades

Em nosso entendimento, as pessoas têm a capacidade de aprender e construir conhecimentos em todos os espaços, utilizando suas experiências e vivências de mundo. Por isso ratificamos que nas relações estabelecidas entre os feirantes também ocorrem práticas

educativas. Evidenciamos que mesmo de uma maneira livre e sem direcionamento sistemático, há na feira práticas educativas e formas de aprender. Por outro lado, as feiras são ambientes que mesmo sofrendo com os avanços da modernidade, proporciona entre seus sujeitos os vínculos de sociabilidade e a união de saberes entre vários povos.

Historicamente as feiras adquiriram uma importância muito grande, que ultrapassa seu papel comercial e as transforma, em muitas sociedades, num entreposto de trocas culturais e de aprendizado, onde pessoas de várias localidades se congregam para estabelecer laços de sociabilidade (ARAÚJO, 2012, p. 50).

Concordamos com Araújo (2012), pois o *lócus* da feira proporciona a manifestação lúdica dos atos dos feirantes e pulsa entre suas barracas valores afetivo. Além, de viabilizar de forma prática os conhecimentos de seus principais protagonistas por meio dos gestos corporais, oralidade e produtos, a manifestação intensa da arte de inventar as práticas cotidianas.

A feira é o local em que as sociabilidades se manifestam em todas as suas dimensões, sendo na rua que elas se expressam com maior intensidade. Inúmeras são as pessoas que se deslocam semanalmente para os núcleos urbanos, oriundos da zona rural ou mesmo de outros centros urbanos, transformando a feira numa efervescência social, caracterizada por uma multiplicidade de sujeitos, com variados eventos, modificando, ainda que por um período curto, a temporalidade da cidade e imprimindo um dinamismo diferente do rotineiro, do habitual (ARAÚJO, 2012, p. 53).

Corroborando com a ideia apresentada, complementamos que o ambiente de informalidade da feira apresenta implicitamente um arcabouço de “fazer e dizer” que promovem o aprender e o descobrir de saberes dos feirantes.

4.5 Entre bancas, pessoas e produtos: emergem práticas e saberes

Um das grandes características da feira livre são suas bancas e a diversidade de produtos oferecidos. É no meio desses elementos que os feirantes realizam as práticas cotidianas e estabelecem relações sociais que fortalecem a identidade local.

Figura -18: Bancas de frutas.



Fonte: Acervo da pesquisadora

Esta figura representa um pouco da realidade da feira livre de São Bento, e neste cenário que se desenrolam as práticas educativas dos feirantes entre uma compra e outra os sujeitos da feira trocam saberes e estabelecem relações sociais movidas pelas práticas táticas.

Ao nos aproximarmos da realidade da feira livre percebemos que os feirantes estabelecem em seus espaços de trabalho práticas e saberes de origem matemática muito particular e eficiente, principalmente com cálculos mentais. Observamos isso em nossas visitas. As habilidades ou estratégias matemáticas que o feirante constrói em sua vida cotidiana na feira para resolver problemas matemáticos demonstram ser uma prática educativa que às vezes a escola ensina de uma forma convencional, sendo que na feira o sujeito aprende de forma concreta e com suas vivências.

Em relação a esse assunto Almeida (2009) nos coloca que:

A compra e a venda de alimentos podem estar carregadas de significados que ultrapassam a razão prática e o conhecimento de técnicas convencionais das operações matemáticas. Cotidianamente, são utilizados cálculos mentais, estratégias econômicas de cálculo escrito, instrumentos de medidas não-padronizados, conformando desse modo, uma dinâmica específica de fazer e entender a matemática no dia de feira, uma territorialidade peculiar dos sujeitos que a constroem (ALMEIDA, 2009, p.52).

Compreendemos, portanto que o conhecimento da feira aparece de forma livre vinculado às práticas cotidianas dos feirantes. Ressaltamos ainda que outra habilidade desenvolvida na feira com intensidade é a oralidade, pois procuram, de todas as formas, chamar atenção dos fregueses para comprarem seus produtos.

Figura – 19: Barraca de frutas e verduras



Fonte: acervo da pesquisadora

Figura – 20: Barraca de frutas e verduras no mercado público.



Fonte: Acervo da pesquisadora

Verificamos nas figuras que o universo da feira contempla a diversidade e heterogeneidade de raças, hábitos, costumes, classes, idades e também o fortalecimento das raízes locais. Portanto, os feirantes revelam seus saberes em suas práticas cotidianas entre barracas, bancas e conversas com as pessoas.

A feira livre é um evento de integração onde as pessoas estabelecem diálogos e criam uma relação afetiva com ela. Além, de proporcionar uma integração na vida dos feirantes e na cidade. Portanto, como já discutimos no decorrer deste trabalho a feira livre compõem um evento social, onde todas as pessoas procuram visitar e realizar suas atividades neste espaço social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo nos possibilitou conhecer um pouco sobre a história da feira livre e sua relação com o desenvolvimento social. Refletimos a respeito das práticas cotidianas dos feirantes e acerca do processo de construção de saberes vinculadas as vivências dos sujeitos da pesquisa, destacando as aprendizagens desenvolvidas no decorrer de suas experiências com a feira.

A literatura estudada nos conduziu ao entendimento do universo da feira e as práticas educativas em ambientes não formais. Também agregou conhecimentos quanto à realidade de nossos entrevistados. Vale ressaltar que nosso referencial metodológico construiu uma ponte entre os dados obtidos com as leituras realizadas, proporcionando uma ligação entre a pesquisa de campo e a pesquisa bibliográfica.

A análise aqui apresentada nos proporcionou identificar fatores importantes no contexto de vida dos feirantes, principalmente quanto ao significado que a feira representa na vida deles. Tal identificação nos levou a compreender o ambiente da feira com sendo provedor de saberes e práticas educativas, alicerçadas nas experiências e no conhecimento útil dos sujeitos que fazem a feira acontecer.

Portanto, esta investigação nos conduziu a rever nossas concepções a respeito das práticas educativas e olhar os ambientes não escolares como mediadores de saberes. Ratificamos que não devemos desvalorizar o papel social que a feira livre ocupa na sociedade, pois muitas famílias sobrevivem deste evento e constroem em suas vivências valores e afetos.

Os dados obtidos neste estudo mostraram que os feirantes da feira livre de São Bento, apesar de não terem tido a oportunidade de concluir a educação básica, estabelecem no espaço de trabalho uma dinâmica de práticas que resultam no desenvolvimento de habilidades como matemática e lingüística. Os resultados apontam que a feira do município de Cascavel – Ceará é visualizada pela maioria de seus feirantes como sendo parte de sua família. Precisam da feira para sobreviver, financeiramente e emocionalmente.

Verificamos ainda a partir das entrevistas, que as práticas cotidianas utilizadas pelos feirantes transformam-se em saberes passados de geração em geração, e que colabora na valorização das relações sociais na feira.

Vale ressaltar, que tivemos a oportunidade de realizar um resgate que impulsionou nossos sujeitos a pensarem e trazerem da memória o que já tinham aprendido trabalhando na feira livre de São Bento. Através de nossas entrevistas presenciamos uma variedade de relatos

orais, que expressam, de forma clara, a prática cotidiana dos feirantes, nos levando a imaginar, entre outras coisas, a ocorrência também de práticas educativas.

Percebemos que cada depoimento continha particularidades, porém identificamos semelhanças nas informações transmitidas, tal como: a feira proporciona o entendimento da arte de comercializar, a fazer amizades e a ser educado com os fregueses, fato ressaltado em boa parte dos relatos.

É importante frisar que a feira cumpre um papel importante diante das famílias agricultoras, pois na maioria das vezes a comunidade rural vê neste espaço uma forma de sobrevivência e de valorizar seu trabalho na roça.

Observamos ainda nas entrevistas que alguns feirantes não tiveram a oportunidade de concluir a educação básica, expressando em suas falas que sentiram falta da escola. Contudo, afirmam que também adquiriam aprendizados de outras maneiras.

Deparamo-nos ao longo de nossos estudos com depoimentos ricos, que nos fizeram refletir sobre a feira livre de São Bento, e como nesse espaço também pode ser possível aprender e realizar troca de saberes.

Verificamos nos depoimentos a necessidade de preservar e olhar a feira com outra ótica. Percebemos que neste espaço, cheio de práticas táticas, circulam além de mercadorias, “vidas” que enfrentam cotidianamente situações difíceis. No entanto, mesmo com as dificuldades, sempre buscam seguir em frente, não se deixando abater. Tem a esperança de dias melhores. Encontramos nas falas dos nossos protagonistas, informações que descreviam o ambiente da feira de forma afetuosa.

No decorrer de nossas entrevistas tivemos a oportunidade de conhecer sujeitos com histórias e experiências de vida enriquecedoras, pessoas que visualizam a feira como “casa” um segundo lar, onde elas aprendem e trocam saberes mediados por suas interações sociais.

A partir de nossas observações entendemos a feira livre de São Bento de forma diferente, levantamos a discussão sobre a educação em ambientes não formais, pois durante nossas entrevistas percebemos que a relação entre “aprender e fazer” estão interligadas nas suas práticas cotidianas, então as práticas educativas se envolvem com as experiências.

Perceber e reconhecer práticas educativas em ambientes informais como a feira livre de São Bento é uma das grandes contribuições no campo investigativo educacional e dar a possibilidade de visualizar a educação além da sistematização de conhecimentos. É compreender que os saberes são diversos e livres, e que a sociedade é uma instituição construtora de agentes transformadores e produtores de saberes.

A análise aqui apresentada, portanto nos possibilitou identificar as práticas educativas na vida cotidiana dos feirantes, e principalmente conhecer seus saberes. A partir de nossas observações notamos que a educação acontece realmente em todos os espaços, e tem a capacidade de transformar a realidade dos sujeitos.

Vale destacar ainda que nossos protagonistas tiveram a oportunidade de falar sobre seu ambiente de trabalho e de aprendizado. E a partir de suas narrativas elaboramos uma ponte entre a “pedagogia” da feira e as práticas educativas fora das instituições formais. Percebemos que a dinâmica da feira vai além da compra e venda de produtos. A feira faz parte de uma cultura de um povo e representa costumes, hábitos e história de uma sociedade.

A leitura de mundo de nossos protagonistas nos revela que a feira é mais que corre, corre de pessoas ou aglomeração de pessoas com sacolas. São vidas se cruzando, raças, cores, cheiros, classes, gostos, estilos e diversidades de saberes em único local.

É importante frisar que mais que realizar um trabalho acadêmico, nosso estudo com a feira nos proporcionou o envolvimento com nossa cultura, e principalmente com a vida cotidiana de um determinado grupo de sujeitos que constroem e desconstroem saberes.

Faz-se necessário destacarmos que os entrevistados demonstraram uma preocupação em relação à higiene da feira, ressaltando como também um dos fatores prejudiciais para suas vendas.

As evidências de conversas, risos, música, diferentes tipos de comida, dinamizam a rotina da feira livre de São Bento agregando características de ações sociais a esse espaço.

Constatamos ainda que as práticas educativas da feira livre de São Bento são transmitidas de geração em geração. Portanto, acreditamos que a cultura da feira nunca morre. Renasce e sobrevive no decorrer dos tempos.

Consideramos todos os momentos vivenciados na feira livre de São Bento significativos para nossa proposta de compreendermos os saberes e práticas educativas dos feirantes e evidenciamos ainda a feira como sendo um evento que desenvolve não só a economia local mais contribui para os aspectos social, histórico, cultural e educacional.

Enfim, desejamos que as experiências aqui relatadas possam motivar e despertar novas investigações sobre feiras livres e práticas educativas em ambientes não formais.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. O processo da educação. In: **Filosofia da Educação**. São Paulo: Editora Moderna, 1990, p. 50- 55.
- ARAÚJO, Fátima Maria Leitão. Fonte oral e história local: experiências reais na tessitura da escrita da historiografia educacional. In: **Tempo, espaço e memória da educação: pressupostos teóricos, metodológicos e seus objetos de estudo**. Fortaleza, edições UFC, 2010.
- AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil**. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 1963.
- AZEVEDO, Fernando de. **Sociologia educacional: introdução ao estudo dos fenômenos educacionais e de suas relações com outros fenômenos sociais**. São Paulo: Edições melhoramentos, 1975.
- ANGULO, José Luis Guitérrez. **Mercado local, produção familiar e desenvolvimento: estudo de caso da feira de Turmalina, Vale do Jequitinhonha, MG**. Revista de administração da UFLA. V. 5, nº 2, Julho-dezembro, 2003.
- ARAÚJO, Giovanna. **Aspectos sociais do cotidiano das feiras livres: um estudo etnográfico em território português e em solo brasileiro**. Maringá Management. Revista de Ciências empresárias, v.9, nº2, p. 49- 64, jul.\dez. 2012.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2005
- BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história**. São Paulo: Brasiliense. 1993.
- BESSA, Evânio Reis et al. **Cascavel 300 anos**. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2001.
- BARROS, José D' Assunto. **Cidade e História**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- BOGDAN, R. C.; Biklen, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução á teoria e aos métodos**. Portugal, Porto- LDA, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A g eneses de conceitos de habitus e campos. In: **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, Editora: Bertrand Brasil, 1989.

CERTEAU, Michel de. Artes de fazer. In: **A inven o do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DURKHEIM, Émile. **Educa o e Sociologia**. Lisboa – Portugal: Edi oes 70. LDA: 2007.

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. **Feiras no Nordeste**. Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 07, número 13, 2008.

DE SORDI, Neide Alves Dias; AXT, Gunter; FONSECA, Paulo Rosemberg Frota da. **Manual de procedimentos do Programa de história oral**. Brasília: Conselho da Justiça Federal, 2007.

FRIERE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários   prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.

GIL, Ant nio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo. Editora: Atlas, 1999.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1976.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5^a ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogos e pedagogia**: inquieta es e buscas. Educar, Curitiba, n  17, p. 153- 176, editora: UFPR, 2001.

MARX, Karl. A mercadoria. In: **O Capital**. São Paulo. Editora: Nova cultura, 1996.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de, VIEIRA, Sofia Lerche. **Pesquisa educacional**: o prazer de conhecer. 2. Ed. rev. e ampl. Fortaleza: Edi oes EDR, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio cruz; GOMES, Romeu. (Orgs.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MIRANDA, Gustavo. **A feira na cidade: limites e potencialidades de uma interface urbana nas feiras de caruaru (PE) e de Campinas grande (PB)**. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Recife, 2009.

MINNAERT, Ana Cláudia de S. Teles. A feira livre sob um olhar etnográfico. In: **Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura**. Salvador: EDUFBA, 2008.

MASCARENHAS, Gilmar. **Feira livre: Territorialidade de popular e cultura na metrópole contemporânea**. Ateliê Geográfico, Goiânia-GO, v.2, nº4, agos\ 2008, p. 72-87.

RODRIGUES, Francisco de Sena. **Cascavel: retalhos de sua história**. Fortaleza, Universidade de Fortaleza, 2011.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese da história de cultura brasileira**. Rio de Jnaeiro: civilização brasileira, 1976.

SILVA, René Marc da Costa. **Cultura popular e educação: salto para o futuro**. Brasília, 2008.

SILVA, Maria das Graças da. **Feira de São Bento em Cascavel – CE (festa a céu aberto)**. Dissertação (Mestrado). Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2008.

SILVA, Cleiton Pereira da. **Feira de São Bento de Cascavel do Ceará: uma benção para Cascavel, um patrimônio dos Cascavelenses**: Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2011.

SILVA, Márcia Lázara Pinheiro; RODRIGUES, Jackeline Mendes. **O discurso do sujeito na feira livre: uma análise dos jogos de verdade nas relações sociais contemporâneas como construções de saberes**.

TREVISAN, Emerson. **A feira livre em Igarassu**: uma análise a partir dos dois circuitos da economia, a convivência do formal e o informal. Dissertação (Mestrado). Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

VEDANA, Viviane. **“Fazer a feira”**: estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da feira livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2004.

WENGER, Etienne. **Comunidades de prática : aprendizagem, significado e identidade**. Barcelona. Edições: Paidós, 2001.

APÊNDICE

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA OS FEIRANTES

QUESTÕES NORTEADORAS DA ENTREVISTA

- 01 - Há quanto tempo o senhor (a) trabalha na feira?
- 02 - Durante esse tempo o que o (a) senhor (a) aprendeu convivendo nesse espaço?
- 03- O que o (a) senhor (a) tira de bom desse aprendizado?
- 04- O (A) senhor (o) passa para seus familiares tudo que aprendeu trabalhando na feira livre de São Bento?
- 05- O (A) senhor (a) conhece a história da feira de São Bento?
- 06- O que o senhor (a) mais gosta na feira?
- 07- O (A) senhor (a) vem trabalhar na feira todos os dias ou apenas aos sábados?
- 08- Qual a importância da feira para sua vida?
- 09- O que o (a) senhor (a) senti pela feira?
- 10- O (A) senhor (a) trabalha em outras feiras?
- 11- Qual o papel da feira em sua vida?
- 12- Quais os pontos positivos e negativos da feira?
- 13- Se um dia a feira fosse proibida na cidade, o que o (a) senhor (a) faria?

ANEXOS

ANEXO A- MERCADORIAS ARMAZENADAS NO BARRACÃO DA FEIRA LIVRE

Fonte: Acervo da pesquisadora

ANEXO B- BOXE DE VARIEDADES DE PRODUTOS

Fonte: Acervo da pesquisadora

ANEXO C – MERCADO PÚBLICO DA FEIRA LIVRE NA MANHÃ DE SÁBADO ÀS 6 HORAS.



Fonte: Acervo da pesquisadora

ANEXO D – BLOCO ARTESANAL DA FEIRA LIVRE DE SÃO BENTO

Fonte: Acervo da pesquisadora

ANEXO E: BANCA DE PRODUTOS CASEIROS.

Fonte: Acervo da pesquisadora

ANEXO F: AS BARRACAS DE ROUPAS PREDOMINAM DA COMUNIDADE DA FEIRA



Fonte: Acervo da pesquisadora

ANEXO - G: CORREDOR DO BLOCO DA FEIRA DE ARTESANATO E MUDAS DE PLANTAS



Fonte: Acervo da pesquisa

ANEXO - H: MERCADORIAS COBERTAS NO ESPAÇO DO BARRACÃO

Fonte: Acervo da pesquisadora

ANEXO - I: MOVIMENTO DA FEIRA LIVRE DE SÃO BENTO AOS SÁBADOS

Fonte: Acervo da pesquisadora

ANEXO - J: CONVIVÊNCIA DA FEIRA COM O COMÉRCIO MODERNO

Fonte: Acervo da pesquisadora.

